

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
Departamento de Geografia

Eliza Mirele Gomes Lima

**A expansão dos templos evangélicos no bairro do Brás: estudo de caso da avenida
Celso Garcia**

SÃO PAULO
2023

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
Departamento de Geografia

Eliza Mirele Gomes Lima

**A expansão dos templos evangélicos no bairro do Brás: estudo de caso da avenida
Celso Garcia**

Monografia apresentada à banca examinadora do
Departamento de Geografia da Universidade de São
Paulo como parte dos pré-requisitos para obtenção do
título de Bacharel em Geografia.

Orientadora: Profa Dra Rita de Cássia Ariza da Cruz

SÃO PAULO
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

LIMA, Eliza Mirele Gomes. **A expansão dos templos evangélicos no bairro do Brás: estudo de caso da avenida Celso Garcia**. 2023. 56 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais por priorizarem a educação e por possibilitarem a minha entrada e permanência na Universidade de São Paulo.

Agradeço às minhas tias Juliana e Daniele, que me inspiraram e me incentivaram a conquistar muito além daquilo que cogitava ser possível.

Agradeço as minhas amigas Raiane, Ana Flávia, Isabella, Nathália e Steffany por caminharmos juntas durante os últimos seis anos, estabelecendo laços e uma rara rede de apoio.

Agradeço aos professores do Departamento de Geografia pelo ensino com afeto, o que foi determinante para a minha relação de prezar com a Geografia. E, principalmente, agradeço à minha orientadora Rita de Cássia Ariza Cruz, pela paciência, compreensão, orientação e aprendizados dos últimos anos.

Por fim, agradeço a meus avós, Altecidio e Alair, por terem compartilhado comigo o sonho do diploma e da universidade. Apesar de não estarem fisicamente presentes, continuam sempre presentes em mim e na minha trajetória.

RESUMO

Nas últimas décadas, verifica-se um aumento significativo do número de templos evangélicos no território urbano brasileiro. Por conseguinte, a parcela da população que se autodenomina evangélica também tem seus índices elevados nas pesquisas dos últimos censos. Para a compreensão do fenômeno, analisa-se o fenômeno da expansão dessas igrejas no município de São Paulo.. Para tanto, a partir da instalação de grandes templos e de sedes das principais denominações evangélicas, a presente monografia busca analisar como se dá o crescimento dos templos na avenida Celso Garcia e em seus arredores, considerando o processo de consolidação urbana e de desconcentração industrial no Brás.

Palavras - chave: Templos evangélicos; Urbanização;São Paulo; região do Brás.

ABSTRACT

In the last decades, there has been a significant increase in the number of evangelical temples within the Brazilian urban territory. Consequently, the portion of the population that self-identifies as evangelical has also seen elevated figures in the recent census surveys. In order to comprehend this phenomenon, the aspects of the spatial dynamics of São Paulo municipality, a prominent urban area in the rise of these specific Churches, are being analyzed. Furthermore, through the establishment of large temples and headquarters of major evangelical denominations, this present monograph aims to analyze how the growth of temples along Celso Garcia Avenue and its surroundings takes place, considering the processes of urban consolidation and industrial deconcentration in the Brás area.

Keywords: Religion. Evangelical Temples. Urbanization. Expansion.

Lista de tabelas

Tabela 1 - Porcentagem da população adepta às religiões de 1940 a 2010	p. 19
Tabela 2 - Fluxos migratórios internos e internacionais em São Paulo entre 1900 e 1960	p. 24
Tabela 3 – Distritos paulistanos com maior percentual de pentecostais	p. 31
Tabela 4 - Percentual da produção cafeeira em São Paulo em relação ao Brasil entre 1880 e 1990	p. 32

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Aumento das instalações fabris no município de São Paulo (1918 - 1947)	p. 25
Gráfico 2 - Relação entre a renda e a religião da população brasileira, em 2010	p. 28

Lista de Mapas

Mapa 1 - Municípios de expansão da Assembleia de Deus (1913-1917)	p. 14
Mapa 2 - Expansão da igreja Assembleia de Deus pelo território nacional (1911-1956)	p. 15
Mapa 3 - Relação entre Evangélicos/Católicos entre 2000 e 2010	p. 22
Mapa 4 - Porcentagem da população total adepta ao pentecostalismo na região metropolitana de São Paulo e de Santos	p. 29
Mapa 5 - Concentração espacial das Igrejas Assembleia de Deus e Universal do Reino de Deus no município de São Paulo	p. 30
Mapa 6 - Evolução da mancha urbana a partir da instalação das ferrovias em São Paulo (1890)	p. 33
Mapa 7 - Organização territorial do Brás em 1895	p. 36
Mapa 8 - Área de crescimento e retração da produção industrial (1999-2006)	p. 38
Mapa 9 - Templos evangélicos e vias principais da Zona Leste de São Paulo	p. 42
Mapa 10 - Relação entre a avenida Celso Garcia e o eixos de transporte	p. 43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 9
CAPÍTULO 1 - Expansão territorial e fragmentação religiosa: compreendendo as denominações evangélicas	p. 11
1.2 Panorama da expansão evangélica no território brasileiro	p. 19
CAPÍTULO 2 - Análise da expansão das igrejas evangélicas no município de São Paulo a partir do desenvolvimento urbano	p. 23
CAPÍTULO 3 - A presença das igrejas evangélicas no bairro do Brás e nos seus arredores	p. 31
3.1 A desvalorização industrial do Brás e os reflexos na expansão das igrejas pentecostais na avenida Celso Garcia	p. 37
Considerações finais	p. 44
Referências bibliográficas	p. 47

Introdução

Nas últimas décadas, identificou-se a expansão de um grupo religioso no território nacional, os evangélicos. Além de ter muitos adeptos vindos das classes sociais de menor renda, a religião modifica a paisagem dos centros urbanos já que o aumento do número de templos no espaço geográfico vem modificando as dinâmicas sociais e econômicas do território. De 1990 a 2019, o Brasil, que possuía 17.033 templos evangélicos, passou a ter 109.560, representando um aumento de 543%. Ademais, foram abertos, em média, 17 templos por dia, resultando em 6.356 templos evangélicos inaugurados apenas no ano de 2019 (Centro de Estudos da Metrópole, 2019).

Assim, os índices de crescimento evangélico encontram-se em expansão no Brasil. A população evangélica cresceu em 16 milhões na primeira década do século XX, cinco vezes mais que o crescimento da população brasileira (MARIANO, 2010). Para a compreensão do fenômeno, é necessário a distinção entre as mais diversas vertentes evangélicas no país. Por isso, no primeiro capítulo, ressalta-se as diferenças entre os dogmas, os processos históricos de inserção da religião no território nacional e das formas de ocupação do espaço das igrejas denominadas Evangélicas de Missão, Pentecostais e Neopentecostais.

Além disso, verifica-se que o movimento evangélico brasileiro se expande de maneira desigual no território. Identifica-se que o crescimento das igrejas evangélicas se dá em maior intensidade nas áreas urbanas dos municípios (CAMPOS, 2005). O avanço da religião também é mais evidente nos bairros mais populares, principalmente nas capitais dos estados. Somente as áreas mais centrais de São Paulo escapam das estimativas de expansão (JACOB, *et. al.*, 2003). Ademais, outros fatores estão relacionados com o aumento dos templos evangélicos. Além da urbanização e o processo de industrialização, as mobilidades populacionais colaboram para a expansão da religião (CAMPOS, 2005).

Por isso, no segundo capítulo, processo de industrialização e urbanização do município de São Paulo, a maior metrópole brasileira, são descritos tendo em vista a compreensão da inserção evangélica no território. Além disso, os fluxos migratórios populacionais em direção ao município entre a primeira e o início da segunda metade do século XX são fatores fundamentais que justificam a instalação das primeiras igrejas evangélicas em São Paulo, como a Congregação Cristão e a Assembleia de Deus, e o prosseguimento da expansão pelo território.

As primeiras igrejas evangélicas na metrópole remetem aos migrantes europeus ainda nas primeiras décadas do século XX. A Congregação é inaugurada italiano Louis Francescon em 1910 e a Assembleia de Deus pelos suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg em 1911 (LEITE, 2019). Posteriormente, houve a assimilação da religião no Brasil e a expansão pentecostal se potencializou pelos fluxos internos do país. Em São Paulo, ressalta-se que a expansão evangélica pode ser associada à expansão cafeeira no século XIX e à ascensão da industrialização no século XX (BASSANEZI, 2018).

A partir da intensificação das dinâmicas urbanas em São Paulo, verifica-se que a expansão das igrejas evangélicas potencializam-se. Na última década, cerca de 600 templos foram inaugurados no município, correspondendo a um aumento em 34% (IPTU, 2020). Contudo, verifica-se uma distinção entre as características dos templos inaugurados. Nas periferias da metrópole, ocorre um aumento exponencial de pequenos templos, por vezes instalados nas garagens das residências (MARQUES, 2019). Já nos bairros centrais de São Paulo, verifica-se a construção de grandes e mega templo pela visibilidade e marketing que as igrejas possuem (ALMEIDA, 2004).

Dessa forma, no terceiro capítulo, analisa-se a expansão das igrejas evangélicas, principalmente das pentecostais e neopentecostais que aumentam em maior proporção nas áreas centrais de São Paulo. Com isso, os arredores do bairro do Brás, especialmente os entornos da avenida Celso Garcia, são importantes recortes espaciais para a compreensão da lógica da instalação dos grandes templos no município tendo em vista a recente instalação do Templo de Salomão, maior espaço religioso do país, e das sedes de relevantes igrejas, como a da Assembleia de Deus, na avenida em questão.

Por isso, analisa-se o processo de consolidação urbana no bairro do Brás em três períodos. O primeiro momento corresponde ao desenvolvimento das atividades econômicas cafeeiras no século XIX e das construções das ferrovias no mesmo período, utilizadas para o escoamento da produção (PASSARELLI, 2006). Além disso, com o declínio da economia do café, o desenvolvimento das atividades industriais nos bairros no início do século XX são apresentados como potencializadores da urbanização do Brás e dos bairros operários dos entornos (MAMIGONIAN, 2016).

Por fim, a partir da década de 1970, verifica-se o processo de desconcentração industrial da área, ocasionada pela ascensão dos fluxos de informação e hierarquização do sistema urbano, o que transformou São Paulo em uma metrópole informacional (SANTOS, 1990). Como consequência, verifica-se uma dispersão das atividades industriais no município

devido ao encarecimento e escassez dos terrenos, pelos custos salariais, pressão sindical e pela insuficiência das infraestruturas de transporte para escoar a produção (NEGRI, 1993).

Com isso, principalmente a partir da década de 1990, a saída de parte das indústrias do bairro do Brás modifica o uso dos espaços. Os casarões, vilas operárias, espaços fabris e galpões são utilizados pelo mercado imobiliário e verticaliza-se o território (OLIVEIRA, 2014). No mesmo período, os espaços industriais dão lugar a vários templos evangélicos nos antigos bairros operários. Por isso, a pesquisa aborda as principais condições espaciais que justificam a construção de templos evangélicos nas últimas décadas.

Ressalta-se que a avenida Celso Garcia, que possui altos índices de expansão dos templos nas últimas décadas, além da recente transformação do uso do espaço na área, é um importante corredor de ligação entre o centro do município e a Zona Leste, maior região evangélica de São Paulo. Ademais, cruzam no território uma ampla rede de transportes. Dessa forma, analisa-se a construção dos templos evangélicos no bairro do Brás e na avenida Celso Garcia por serem áreas que possibilitam maior visibilidade e adesão de fiéis pelas igrejas evangélicas (ALMEIDA, 2004).

Capítulo 1 - Expansão territorial e fragmentação religiosa: compreendendo as denominações evangélicas

As religiões cristãs reorganizam-se a partir de mudanças sócio-culturais que perpassam os territórios como estratégia para se estabelecer no tempo e no espaço. Ao longo do tempo, nota-se um crescimento sobressalente do número de fiéis evangélicos justamente pela capacidade destas igrejas de expandirem as vertentes religiosas nas últimas décadas, o que contribui para abarcar maior diversidade e quantidade de fiéis.

Dessa forma, de acordo com o IBGE, as religiões evangélicas podem ser divididas em dois subgrupos: os **evangélicos de missão** e os **evangélicos pentecostais** (PEREIRA, A.; LACERDA, A., 2019). Além disso, os evangélicos pentecostais podem ser identificados como **pentecostais clássicos**, **deuteropentecostais** e **neopentecostais** de acordo com os períodos de ondas de entradas do pentecostalismo no Brasil (MARIANO, 2014). A análise histórica e das principais características de cada vertente evangélica são aspectos que possibilitam a investigação sobre a distribuição espacial dos respectivos templos pelo território.

Os **Evangélicos de Missão**¹ surgem na Europa e seguem os fundamentos teológicos que remetem à Reforma Protestante do século XVI (PEREIRA, A.; LACERDA, A., 2019). Destacam-se o advento da Igreja Luterana, instituída por Martinho Lutero na Alemanha (1524) e da Igreja Presbiteriana, fundada por João Calvino (1516), na Suíça. Além disso, na Inglaterra, surgem outras três influentes denominações evangélicas: a Igreja Anglicana, instituída pelo rei Henrique VIII (1558), a Igreja Metodista, instituída por John Wesley (1740) e a Igreja Batista, fundada já no século XVIII por Thomas Relwys (LEITE, 2019).

No Brasil, a presença dos Evangélicos de Missão é datada em 1808 e ocorre a partir de tratados comerciais que buscavam uma maior presença de imigrantes não ibéricos no território brasileiro (PEREIRA, A.; LACERDA, A., 2019). Ademais, a vertente se estabeleceu por dois distintos processos: pelo protestantismo de imigração ou pelo protestantismo de missão (PEAGLE, 2005). No protestantismo de imigração a estrutura e a organização da religião é mantida com as características europeias, como no caso das Igrejas Luteranas. Desse modo, identifica-se que a rede de Igrejas Luteranas estabelecida representava também uma dispersão de imigrantes alemães — fundadores da religião — pelo território brasileiro (GREGORY, 2007). Em contraposição, o protestantismo de missão é marcado por obras missionárias de conversão, estratégia inaugurada por missionários estadunidenses. Relacionam-se a este processo as igrejas Presbiteriana, promovida por Ashbeel Green Simonton (1859) no Rio de Janeiro, e a Batista, inaugurada por Willian Bagby e Zacharias Taylor (1882), em Salvador (LEITE, 2019).

Os **evangélicos pentecostais**, por outro lado, originaram-se nos Estados Unidos no século XX e adotam novas perspectivas religiosas, como a glossolalia — crença no dom da fala de uma língua própria — e o batismo pelo Espírito Santo. A partir disso, diversas outras igrejas, com diferentes níveis de inflexibilidade em relação à Bíblia e aos costumes mais tradicionais, foram surgindo (PEREIRA, A.; LACERDA, A., 2019).

Ademais, de acordo com Freston (1993), o pentecostalismo possui três ondas de expansão no Brasil. A **primeira onda (1910-1950)** corresponde à chegada dos pentecostais clássicos no território brasileiro através das igrejas Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911). A Congregação Cristã torna-se presente no território brasileiro a partir do italiano Louis Francesco, que alicerça a religião em São Paulo e no Paraná. Já a Assembleia de Deus chega ao Brasil pelos suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg em Belém,

¹ Como fundamento principal adotado pelos Evangélicos de Missão está a compreensão de que a Bíblia deve ser a única diretriz religiosa a ser seguida, o que restringe a produção de outros elementos doutrinários mais recentes. Ademais, interpretam mais rigidamente a liturgia e há a negação do batismo, prática fundamental na vertente pentecostal (PEREIRA, A.; LACERDA, A., 2019).

no Pará. Contudo, apesar das diferentes origens, ambas as vertentes são inspiradas pelo estadunidense William H. Durham² (LEITE, 2019).

Além disso, identifica-se diferentes processos de territorialização das igrejas pentecostais que acompanham as transformações no território brasileiro. Na primeira metade do século XX, com a introdução das características do meio técnico científico informacional³, os ritmos de deslocamento encontram-se em aceleração (SANTOS, 1994). Nesse contexto, os pentecostais clássicos desenvolvem a evangelização em zonas, ou seja, atuam nas áreas periféricas dos municípios, voltando-se a trabalhadores que se dirigiram a grandes centros urbanos em busca de melhores condições de vida. Cada zona possuía núcleos de evangelismo, que movimentavam reuniões domiciliares e cultos públicos, aspecto este fundamental às primeiras igrejas pentecostais (ARAÚJO, 2018).

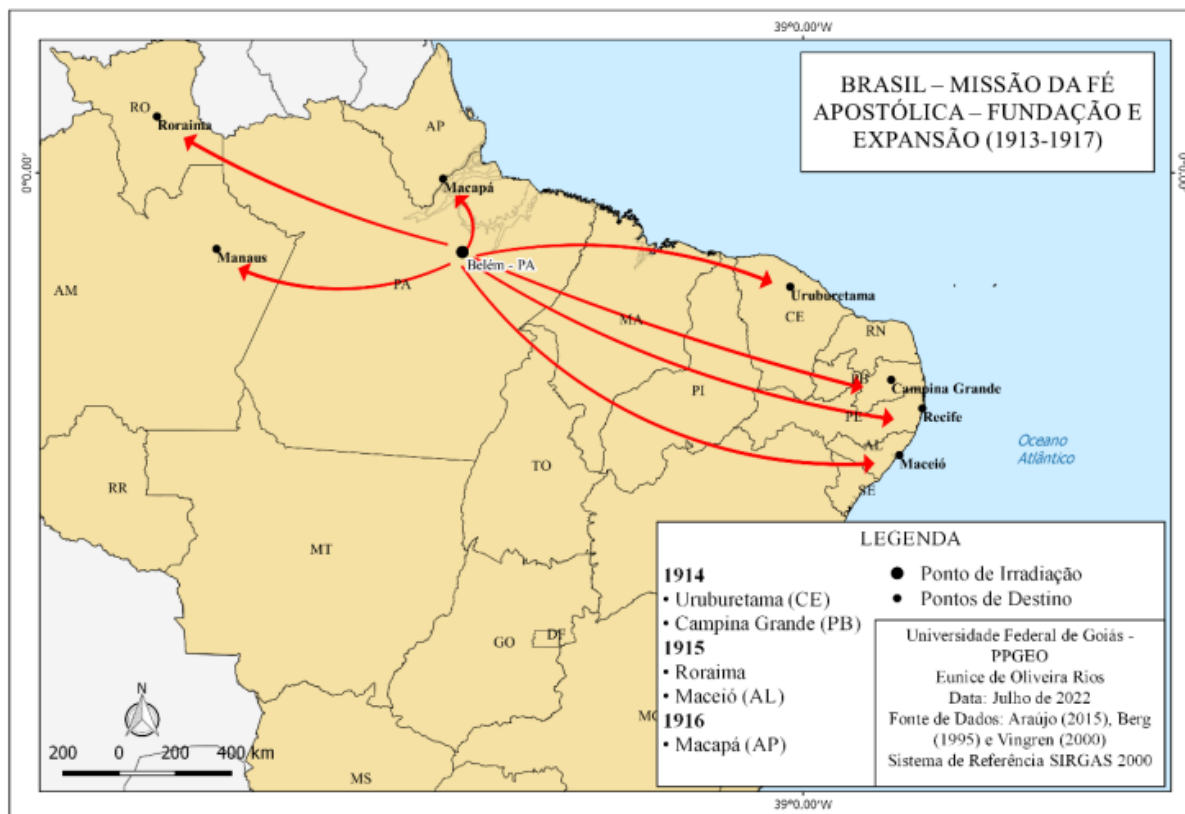
A Assembleia de Deus, igreja encontrada em todos os centros urbanos, e presente em maior número nas periferias (ALENCAR, 2012), também reforça a importância das redes de fluxo para a expansão dos templos e do número de fiéis das igrejas pentecostais da primeira onda. Entre 1890 e 1910, o Pará exporta borracha⁴ para vários países, além de fornecer postes de luz para Los Angeles. É a atividade econômica que atrai os suecos para Belém, cidade em que se inaugura a Assembleia de Deus. Contudo, a partir da crise da borracha ainda em 1910, a Assembleia de Deus trilha os mesmos trajetos dos seringueiros desempregados, homens e mulheres, que retornam às cidades de origem principalmente na região Nordeste (ALENCAR, 2012). O mapa abaixo, elaborado por Rios (2022), representa a expansão destas igrejas que eram denominadas como Missão da Fé Apostólica no período.

² Pioneiro das obras pentecostais em Chicago, nos Estados Unidos.

³ Introduzido a partir da década de 1970, o meio técnico-científico-informacional é caracterizado pela aplicação da ciência à técnica. A técnica, por sua vez, é composta por informações que se acumulam (SANTOS, 2008).

⁴ Destaca-se a Company of Pará, empresa em que trabalhava um dos fundadores da Assembleia de Deus, Daniel Berg (ALENCAR, 2012).

Mapa 1 - Municípios de expansão da Assembleia de Deus (1913-1917)



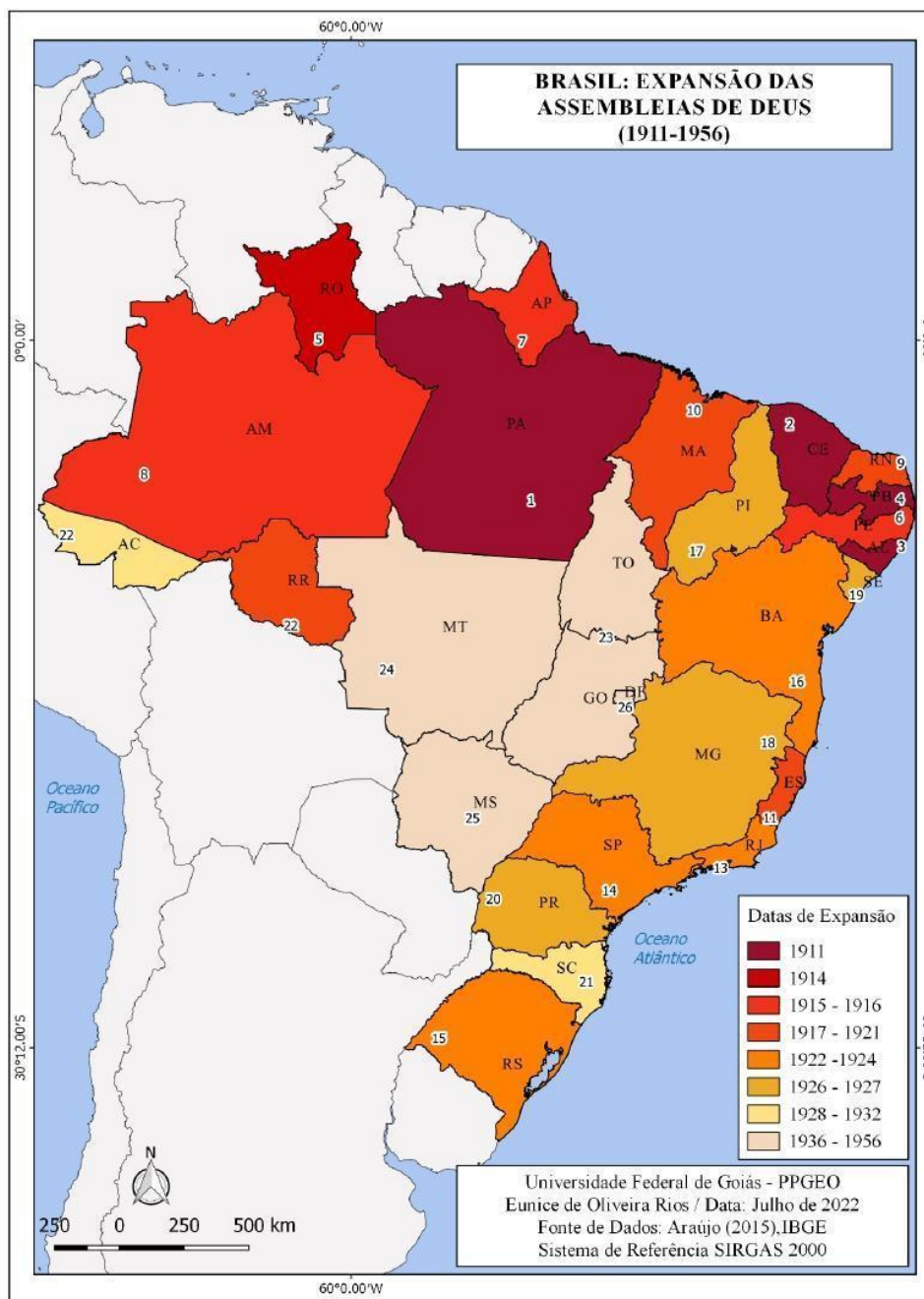
Fonte: Rios, 2022

É a partir da segunda metade do século XX, juntamente com o crescimento urbano-industrial, que a Assembleia de Deus amplia a sua capacidade de expansão. Por isso, em São Paulo, o missionário Daniel Berg inaugurou o primeiro templo já em 1927, realizando os cultos na Vila Carrão, zona leste da cidade (FAJARDO, 2015). Contudo, os primeiros fiéis já eram assembleianos, migrantes de Maceió, Alagoas (ARAÚJO, 2012), reiterando a abordagem pentecostal relacionada ao amparo frente às circunstâncias impostas pelo estilo de vida urbano (FAJARDO, 2015). Com isso, a Assembleia de Deus adquire grande capacidade de expansão geográfica, obtendo dimensão nacional e estrategicamente localizando-se próximas a pontos de maiores fluxos migratórios (FREESTON, 1993).

Conforme Read (1967: 132):

A única igreja implantada em todos os Estados e Territórios brasileiros é a Assembléia de Deus. Alguns territórios, servidos pela Assembléia, possuem igrejas pequenas e insignificantes, mas o fato é que sua presença é universal. As máquinas de costura Singer, o guaraná, e a Assembléia lá estão presentes. Na verdade, foram até os confins do país.

Mapa 2 - Expansão da igreja Assembleia de Deus pelo território nacional (1911-1956)



Fonte: Rios (2022)

Ademais, as igrejas que compõem a primeira onda além da crença na glossolalia e no batismo no Espírito Santo, realizam uma oposição evidente ao catolicismo, possuem grande valorização do grupo enquanto comunidade além de não praticarem o proselitismo para atrair novos fiéis (PEREIRA, A.; LACERDA, A., 2019). Além disso, a análise do discurso destas igrejas frequentemente estima a ascensão social, o isolamento dentro da comunidade religiosa e a negação do mundo dito profano. A doutrina é a de que a salvação viria a partir da fé exacerbada e são frequentes a utilização de dogmas escatológicos, que remetem aos fins dos

tempos e que exigem um comportamento longe do pecado para o arrebatamento (PEREIRA, A.; LACERDA, A., 2019).

A **segunda onda (1950-60)**, associada aos deuteropentecostais⁵, tem São Paulo como locus de expansão de novas denominações como a Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962) (FRESTON, 1993). Além disso, marca a tentativa de pastores estadunidenses de renovar o pentecostalismo brasileiro e readaptar as liturgias às características do território. Por isso, inicia-se a chamada “Cruzada Nacional de Evangelização”⁶, que intensifica a expansão das igrejas pentecostais partindo de lonas ou terrenos baldios. Em contraposição à primeira onda, a busca por novos fiéis torna-se uma prioridade e, para isso, surgem os rituais com relatos de milagres relacionados à saúde física e situações financeiras e inicia-se a utilização de mídias, como o rádio e cerimônias itinerantes em espaços públicos, o que é marcante para o processo de capilarização das igrejas pelo território brasileiro (PEREIRA, A.; LACERDA, A., 2019).

Por fim, a **terceira onda**, que teve início nos anos de 1970 e permanece até os dias atuais, é composta por igrejas como a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), caracterizando os neopentecostais. Da mesma forma, além da inserção de novos grupos sociais, flexibiliza-se os dogmas⁷ (FRESTON, 1993). Além disso, as práticas de proselitismo atuam a partir da política partidária e através da rádio ou televisão e emprega-se a “teologia da prosperidade” que garantiria aos seus fiéis a prosperidade financeira e na saúde (MARIANO, 1999). A partir disso, identifica-se o aspecto multiterritorial relacionado ao neopentecostalismo, já que encontram-se articulados a religião às estruturas de poder político e empresarial (ARAÚJO, 2018).

Assim, nas últimas décadas, o surgimento exponencial de novas denominações pentecostais gerou uma grande heterogeneidade de crenças que estão cada vez mais estruturadas (PEREIRA, A.; LACERDA, A., 2019). Contudo, ressalta-se que, “as transformações no campo evangélico brasileiro foram graduais e não lineares, o que significa

⁵ O prefixo “deutero” indica uma segunda vez, neste caso, uma segunda onda.

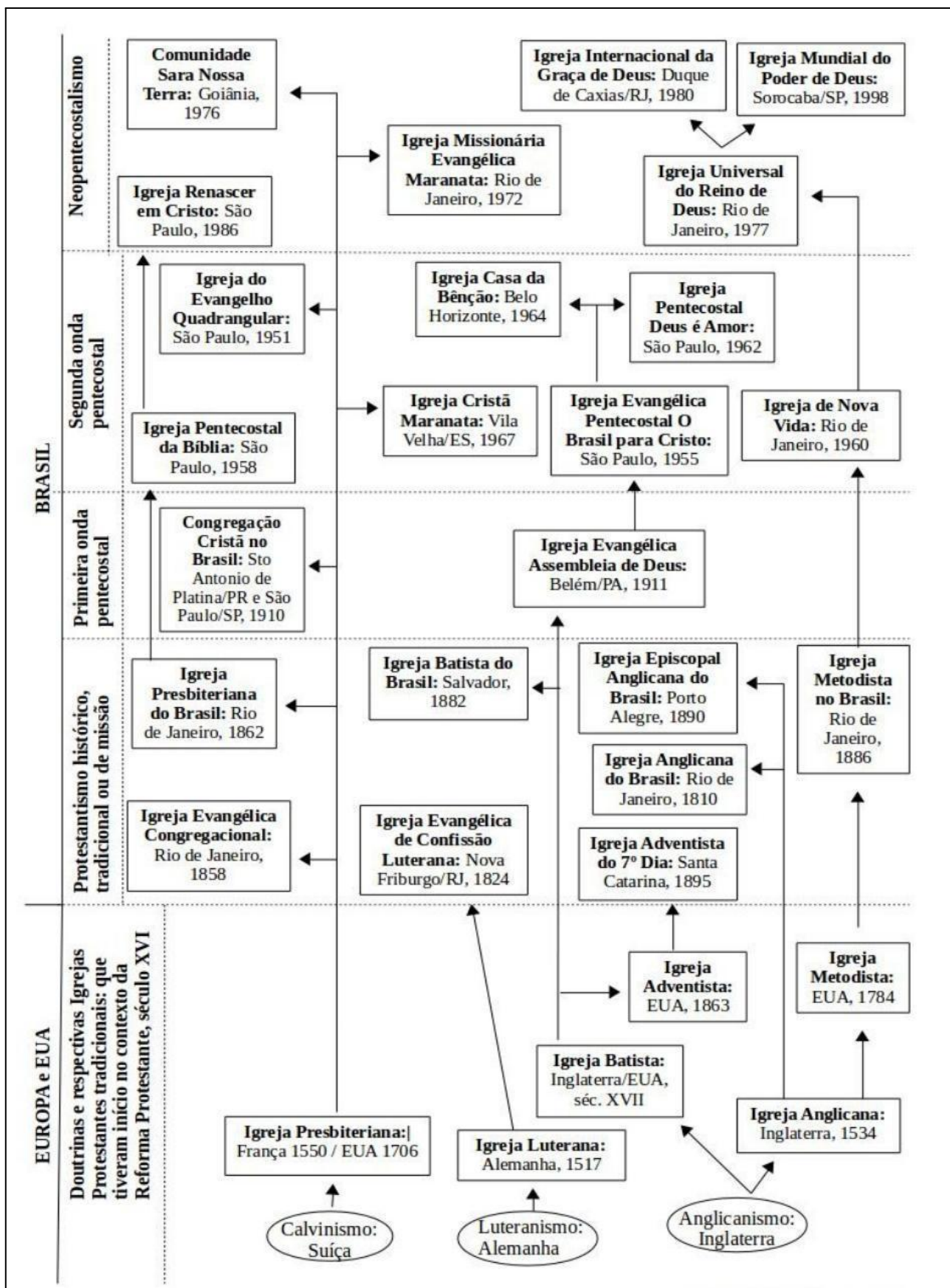
⁶ Movimento que teve início na década de 1950, no bairro de Cambuci, e desenvolve as campanhas de reavivamento implementadas pelas igrejas pentecostais estadunidenses das quais não possuíam a intenção inicial de se estabelecerem em templos (BRASIL, 2020).

⁷ Destacam-se quatro características fundamentais que diferenciam o segmento neopentecostal: a exacerbação da guerra espiritual contra o Diabo, a pregação da teologia da prosperidade, dispensa os estereótipos dos usos e costumes relacionados à santidade e a organização empresarial. Além disso, o neopentecostalismo se diferencia das outras igrejas evangélicas por romper com o sectarismo e ascetismo pentecostal, tornando-se uma religiosidade mundana, ou de afirmação do mundo. Com isso, o neopentecostalismo se desenvolve de acordo com as condições oferecidas pela modernidade capitalista (MORAIS, 2019).

que cada novo momento ainda carrega elementos da fase anterior ao mesmo tempo em que inaugura características da fase seguinte” (LEITE, 2019, p. 27).

No Quadro 1, a seguir, encontra-se uma síntese desse processo histórico organizada por Leite (2019). Esta síntese contribui sensivelmente para uma aproximação rápida em relação à dinâmica histórica e às espacialidades envolvidas com o surgimento e a expansão dessas igrejas pelo Brasil.

QUADRO 1 - Denominações das igrejas evangélicas brasileiras



1.2 Panorama da expansão evangélica no território brasileiro

O território é cenário para materializações de relações de poder que o disputam continuamente. A religião é um dos exemplos das relações de poder que atuam nos territórios (RAFFESTIN, 1993). Assim, por séculos, os dogmas da Igreja Católica foram majoritários no Brasil e estruturaram o maior país católico do mundo. Contudo, a partir de missões conversionistas estrangeiras e da emergência de igrejas nacionais independentes, o protestantismo se reafirma no território brasileiro (ALVES; BARROS; CAVENAGUI, 2012).

Nas últimas quatro décadas, a expansão do grupo protestante e pentecostal, adquiriu expressão espacial e se enraizou nos lugares e territórios (LEITE, 2019). Entre as décadas de 1980 e 2010, os católicos passaram de 89,2% para 64,6% da população. Em contraposição, os evangélicos que eram 6,6% tiveram um acréscimo de 15,6 pontos percentuais e, portanto, um crescimento de 136%, tornando-se 22,2% da população (MARIANO, 2010).

Tabela 1 - Porcentagem da população adepta as religiões de 1940 a 2010

Religião	1940	1950	1960	1970	1980	1990	2000	2010
Católicos	95,2	93,7	93,1	91,1	89,2	83,3	73,8	64,6
Evangélicos	2,6	3,4	4,0	5,8	6,6	9,0	15,4	22,2

Fonte: IBGE, elaborado pela autora

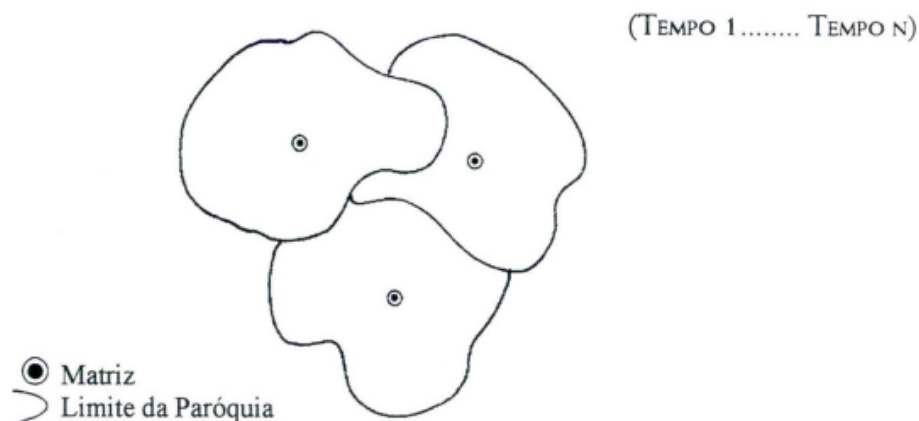
No período de 2000 a 2010, os índices continuaram crescentes. O grupo dos evangélicos cresceu em 16 milhões (compondo 42,3 milhões de pessoas), cinco vezes mais que o crescimento da população brasileira (MARIANO, 2010). A distribuição espacial do fenômeno de expansão evangélica, apesar de abranger todo o território nacional, se deu em maior número nas regiões Norte, Centro-Oeste e Sudeste (ALVES; BARROS; CAVENAGUI, 2012).

Para a compreensão da expansão evangélica no território, analisa-se que a territorialidade da religião abarca uma descentralização organizacional e uma informalidade que possibilita a ampla difusão no espaço. Além disso, a transitoriedade e a mobilidade são fundamentais para a perpetuação das vertentes evangélicas (MACHADO, 2009). Por isso, Monica Machado (2009) denomina a territorialidade evangélica como “Territorialidade Informal e Fugaz” em contraposição à Igreja Católica, que possui áreas geográficas, agentes e

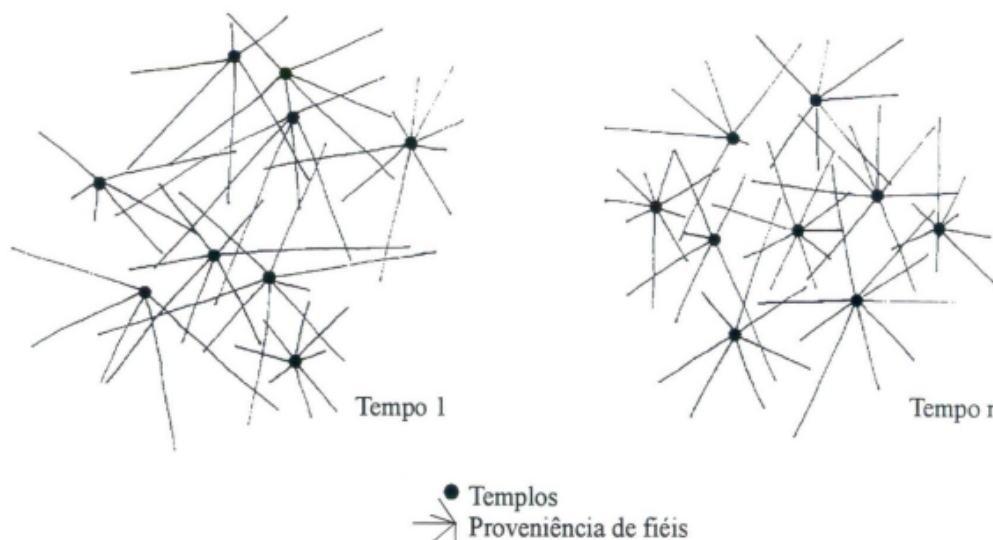
instrumentos bem definidos, o que é denominado pela autora como “Territorialidade Formal e Perene”.

Quadro 2 - Representação das territorialidades relacionadas à Igreja Católica e à Igreja Pentecostal

I – TERRITORIALIDADE FORMAL E PERENE (IGREJA CATÓLICA)



II – TERRITORIALIDADE INFORMAL E FUGAZ (IGREJAS PENTECOSTAIS)



Fonte: Machado (2019)

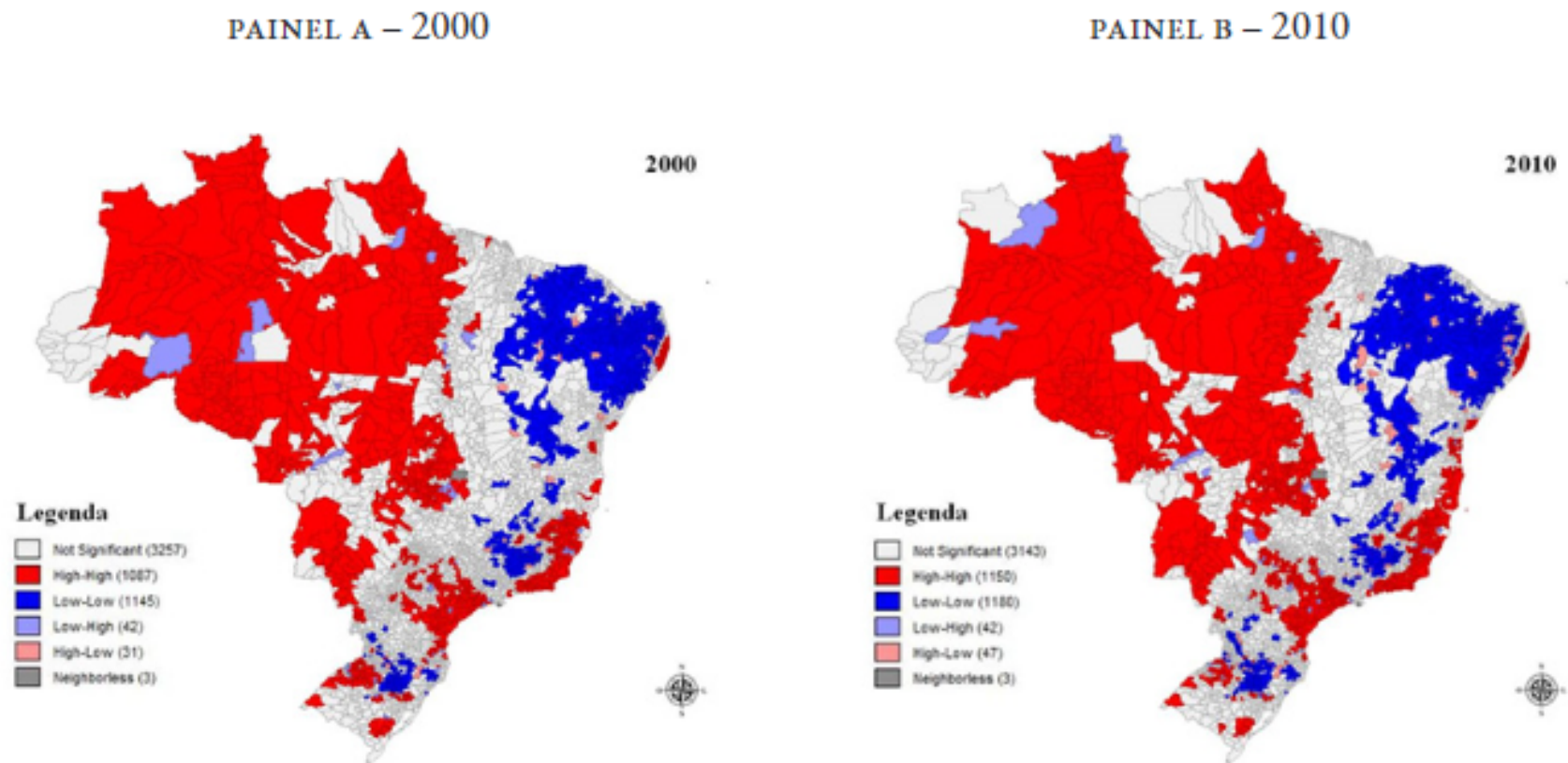
Dessa forma, além de não apresentar mudanças significativas nas áreas de atuação referente ao tempo e ao espaço, a Igreja Católica diminui a expressividade ao longo dos anos quando comparado às pentecostais (MACHADO, 2009). Os motivos que justificam a continuidade da expansão do movimento pentecostal no Brasil seriam a facilidade de expansão dos templos, já que, apesar de ser necessária a autorização de instâncias superiores

para fundar uma igreja, a reprodução de templos de pregação podem se formar em pequenos salões. Além disso, as igrejas pentecostais encontram nos espaços que são pouco assistidos pelas políticas públicas e outras instituições uma via importante de expansão (MACHADO, 2009).

Ademais, Ronaldo de Almeida (2004) reitera que as paróquias católicas instalam-se nas vias principais no interior dos bairros. Com isso, tornam-se centralidades locais no espaço, sendo referência de localização. As igrejas católicas atraem até mesmo investimentos em serviços urbanísticos e, eventualmente, fomentam o surgimento de comércios. Contudo, diferentemente das igrejas pentecostais, as paróquias católicas delongaram a presença nas áreas de maior vulnerabilidade econômica e social.

Enquanto as relações de coletividade e assistência social são intrínsecas à expansão das igrejas pentecostais, o trabalho assistencial da Igreja católica se dá por meio das pastorais e filantropias, sendo afastadas dos sacerdotes e dos templos. Por isso, como reação ao aumento do número de fiéis evangélicos, são implementadas pelo catolicismo as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) que aumentaram o alcance territorial da Igreja (ALMEIDA, 2004). As CEBs, que surgem no âmbito da Teologia da Libertação, realizam na região metropolitana de São Paulo a divisão da arquidiocese em outras dioceses, multiplicando as paróquias e comunidades a partir da década de 1980 (ALMEIDA, 2004).

Mapa 3 - Relação entre Evangélicos/Católicos entre 2000 e 2010



Fonte: IBGE, Censo demográfico de 2010.

Capítulo 2 - Análise da expansão das igrejas evangélicas no município de São Paulo a partir do desenvolvimento urbano

O processo de expansão das igrejas evangélicas pelo território brasileiro foi potencializado pelos movimentos migratórios que ocorreram a partir da segunda metade do século XIX (MACEDO, 2007). Os fluxos migratórios, condicionados historicamente pela concentração espacial de atividades econômicas e pelas mudanças sociais do trabalho geradas (SINGER, 1986), possibilitaram o alastramento da religião desde a abertura dos portos⁸ em 1810 para países protestantes, como a Inglaterra, Alemanha e Suíça (MACEDO, 2007). Os imigrantes ingleses anglicanos que realizavam cultos no Rio de Janeiro e, posteriormente, chegaram ao estado de São Paulo para a construção da Estrada de Ferro (1867) entre Santos e Jundiaí, constituem os primeiros protestantes de imigração (MENDONÇA, 2005).

Já a expansão pentecostal a partir dos movimentos migratórios se iniciaram em 1910 com a instalação da primeira Congregação Cristã⁹ pelo italiano Luigi Francescon no bairro do Brás, no município de São Paulo (MACEDO, 2007). Apesar de também difundir a crença em Santo Antônio da Platina, no estado do Paraná, foi na capital paulista que a Congregação Cristã se consolidou pela maior adesão de imigrantes italianos, que compunham a igreja no período (MARIANO, 2021). De acordo com Read (1965), o crescimento da Congregação Cristã foi possibilitado pela vinda de mais de 1.200.000 imigrantes italianos para trabalhar nas lavouras cafeeiras entre 1889 e 1913 no estado de São Paulo, o que modificou a estrutura populacional paulista. Ainda de acordo com o autor, em 1950, 24% da população era imigrante ou descendente de italianos.

A partir disso, Siepierski (2002) afirma que a expansão geográfica da Congregação Cristã acompanha a trilha do café, que possuía grande mão de obra imigrante, e adentra o interior do estado de São Paulo, sul de Minas Gerais e o oeste do Paraná. Com isso, nas áreas cuja atividade econômica cafeeira possuía maior dinamismo, expandem-se os templos da religião. Contudo, evidencia-se que a expansão da Congregação Cristã e de outras igrejas pentecostais e protestantes de imigração também foi possibilitada pela estratégia de se

⁸ Os aspectos culturais e religiosos que se difundiram pelo território brasileiro no século XIX foram iniciados a partir da imigração de ingleses pelo tratado “Aliança e Amizade” e “Comércio e Navegação” feita por D. João VI em 1810 (MENDONÇA, 2005) cujo objetivo era aumentar as trocas comerciais inglesas por meio de relações econômicas luso-brasileiras possibilitadas pela abertura dos portos brasileiros (RABELO, 2015).

⁹ O primeiro templo da Congregação Cristã em São Paulo tornou-se Sede Mundial da Congregação Cristã já que no Brasil a vertente pentecostal obteve maior destaque e milhões de fiéis, diferentemente dos templos instaurados em outros países (MARIANO, 2021).

adaptar à população brasileira. Dessa forma, afirma Willems (1967) sobre a mudanças realizadas pelos fiéis italianos da Congregação Cristã no Brasil:

Os italianos estavam sendo rapidamente assimilados pela sociedade brasileira, e entre as gerações mais jovens havia muito poucos que desejavam ser lembrados da herança nacional de seus pais ou avós. Assim, guiados pela oportunidade e pela revelação divina, os anciãos da seita decidiram abandonar a língua italiana em 1935. Esse ajuste oportuno a uma situação cultural em mudança, não apenas garantiu a sobrevivência da seita, mas também lançou as bases para uma expansão cada vez mais rápida fora da cidade de São Paulo e do estado de São Paulo. (WILLEMS, 1967 apud MARIANO, 2021).

Com o declínio da economia cafeeira, iniciou-se o desenvolvimento de um parque industrial em São Paulo que se acentuou a partir da década de 1930 (SINGER, 1986). Junto a este processo, intensifica-se a urbanização do município e expansão geográfica da cidade já nas primeiras décadas do século XX (PETRONE, 1958). Além disso, o estabelecimento de políticas públicas, como a elaboração de legislações trabalhistas destinadas à população urbana, ocasionaram uma valorização do padrão de vida no município, o que potencializou o fluxo populacional das áreas rurais para o centro urbano. Por isso, identifica-se alterações nos índices migratórios no território nacional, já que as migrações internas passam a ocorrer em maior escala do que as migrações externas (SINGER, 1986).

Tabela 2 - Fluxos migratórios internos e internacionais em São Paulo entre 1900 e 1960

Período	Migrantes Internos	Imigrantes Internacionais	Total	Proporção Migrantes Internos no Total (%)
1900-1925	123.963	1.045.753	1.169.716	10,6
1926-1960	2.414.669	1.910.722	4.449.354	73,63
Total	2.538.632	1.910.722	4.449.354	57,06

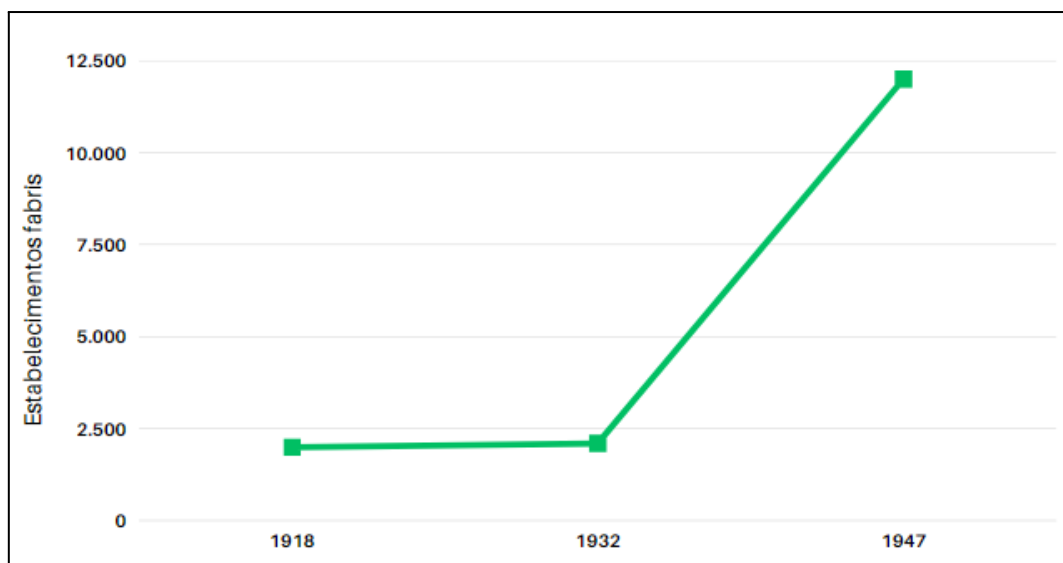
Fonte: Baeninger, 2013

Com isso, identifica-se uma mudança estrutural das igrejas evangélicas no Brasil. Até a década de 1930, a organização e a estrutura das igrejas estavam diretamente relacionadas à origem destas igrejas, os países protestantes europeus e norte-americanos (MACEDO, 2007). Contudo, após a intensificação da urbanização e dos fluxos migratórios das áreas rurais para as áreas urbanas, verifica-se um aumento das denominações pentecostais formadas no território brasileiro (MACEDO, 2007). Ademais, pelo município de São Paulo apresentar um crescimento expressivo que abriga populações com diferenças socioeconômicas e culturais,

nota-se que as igrejas pentecostais ampliam-se com maior intensidade pelo território (MACEDO, 2007).

Ademais, a partir de meados da década de 1950, verifica-se a consolidação do município de São Paulo como o maior centro industrial da América do Sul. Se até a década de 1930 haviam cerca de 2.100 estabelecimentos fabris, em 1947 ampliam-se para 12.000 (PETRONE, 1958). A partir disso, o crescimento das áreas industriais acompanha as vias férreas que abrangem o Brás, Belenzinho, Tatuapé, Comendador Ermelino e São Miguel Paulista — que caracterizavam-se por serem áreas de vale e com baixo custo do terreno no período (PETRONE, 1958). Ao mesmo tempo, modifica-se a paisagem urbana que, além do crescimento populacional pela crescente necessidade de mão-de-obra, instalam-se entre as fábricas moradias operárias, consolidando bairros mistos. Além disso, em áreas suburbanas, surgem as primeiras vilas operárias, onde residiam proletários, mas os estabelecimentos fabris eram esparsos (PETRONE, 1958).

Gráfico 1 - Aumento das instalações fabris no município de São Paulo (1918 - 1947)



Fonte: Petrone (1958), elaborado pela autora

É nesse mesmo período que surgem as igrejas pentecostais em São Paulo: Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), Igreja Pentecostal o Brasil para o Cristo (1955), Igreja Pentecostal da Bíblia (1958) e a Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962) (BARROS; ROBERTO, 2012 *apud* Leite, 2019), sendo as três últimas fundadas por pastores brasileiros (CAVALCANTI, 2017). A Igreja do Evangelho Quadrangular e a Igreja Pentecostal da Bíblia surgem no município de São Paulo no bairro do Cambuci (QUADRANGULAR, 2023;

IGREJA PENTECOSTAL DA BÍBLIA, 2023), a Igreja Pentecostal do Brasil para Cristo em Pirituba (O BRASIL PARA CRISTO, 2023) e a Deus é Amor na Sé (DEUS É AMOR, 2023).

A Sé, que constituía o núcleo da metrópole já a partir do século XIX, após 1920 é caracterizada por oferecer uma ampla rede de fluxos de transportes e de pessoas (FERREIRA, 1971). O Cambuci, distrito pertencente à atual subprefeitura da Sé, configurou os primeiros bairros de expansão urbana em São Paulo e era cortada pelas rotas que ligavam o município ao litoral (PMSP, 2010). Já em Pirituba, através da instalação do Terminal da Light, aumentando a oferta de energia elétrica do município, e pela proximidade com a estação ferroviária, estabeleceram-se várias indústrias e vilas operárias já a partir de 1920. Além disso, o subdistrito teve um grande crescimento populacional no período passando de 5.500 pessoas em 1930 para 27.281 em 1950 (CAMARGO, 2019). Por isso, identifica-se que as igrejas pentecostais a partir da década de 1950 instalam os templos nos espaços cuja rede de fluxo é ampla ou que possuem aumento das taxas populacionais.

É marcante ao período o início da segunda onda pentecostal no território brasileiro, caracterizada pela intensificação da irradiação pentecostal pelo território a partir da utilização dos meios de comunicação em massa e das tendas de lonas (MATOS, 2006). Inaugurada pela Igreja do Evangelho Quadrangular, as tendas foram utilizadas no movimento “Cruzada Nacional de Evangelização”, em que utilizavam-se lonas semelhantes às estruturas utilizadas em circos para a realização de cultos com temáticas de viés milagroso. O bairro do Cambuci inaugurou a estratégia dos cultos realizados em lonas, o que atraiu uma grande quantidade de fiéis por acomodar uma grande quantidade de pessoas e pela capacidade das tendas de possuir uma flexibilidade de locomoção pelo espaço (CAVALCANTI, 2017).

A partir da segunda metade do século XX, o município de São Paulo expande exponencialmente sua mancha urbana. Até 1930 a cidade apresentava 355 km² de área urbana e 890.000 habitantes. Já em 1980, são 1370 km² ocupados, expandindo principalmente no sentido leste-oeste, e cerca de 8.490.000 habitantes (CARLOS, 2007). Por outro lado, de acordo com Ana Fani Alessandri Carlos (2009) intensifica-se a partir da década de 1990 a transformação do capital produtivo em capital financeiro, ocorrendo uma desconcentração industrial e uma concentração financeira.

Além disso, o município de São Paulo passa pelo processo que Milton Santos (1993) denominou como modernização contemporânea, em que há a tendência à transformação do espaço a fim de favorecer as grandes corporações, gerando uma concentração de riquezas escalonada e uma produção de pobreza. Por isso, identifica-se que a metrópole paulistana edificou sua urbanização a partir do estímulo à ocupação das áreas mais periféricas do

município, em especial na Zona Leste da cidade, cujas condições para a habitabilidade eram menores quando comparadas às áreas centrais (BARONE, 2013).

Neste contexto, encontram-se em expansão as igrejas pertencentes a terceira onda do pentecostalismo, o neopentecostalismo (MARIANO, 1999). Em São Paulo, nas últimas décadas, surgem algumas igrejas neopentecostais como a Comunidade da Graça (1996) na Vila Carrão, na Zona Leste, e a Renascer em Cristo (1986) no Cambuci (MACEDO, 2007). Ademais, de acordo com Macedo (2007), é a partir da década de 1990 que a expansão das igrejas neopentecostais se dá e com maior intensidade. Além disso, identifica-se a tendência de ocupação pentecostal nas áreas periféricas das regiões metropolitanas (JACOB, *et. al.*, 2003).

Dessa forma, compreende-se que a expansão pentecostal desde o início do século XX possui uma lógica espacial para a instalação dos templos religiosos. Ressalta-se que a urbanização e as redes de fluxo, os processos migratórios e a densidade populacional são fatores que interferem no processo de expansão pentecostal no município de São Paulo. Além disso, o professor Leonildo Silveira Campos ressalta as tendências que colaboram para a afirmação pentecostal no território:

Por isso, o período de industrialização, mobilidade populacional, urbanização e aumento do mal-estar de imigrantes e o sofrimento concreto dos pobres tornou quase necessário que o pentecostalismo viesse beber no poço da tradição reavivalista. Entretanto, se os grandes avivamentos se espalharam por uma América ainda rural, os movimentos de santidade e o pentecostalismo iriam operar dentro de um contexto urbano e industrial” (CAMPOS, 2005, p. 106).

2.1 A ampliação das igrejas evangélicas nas periferias do município de São Paulo

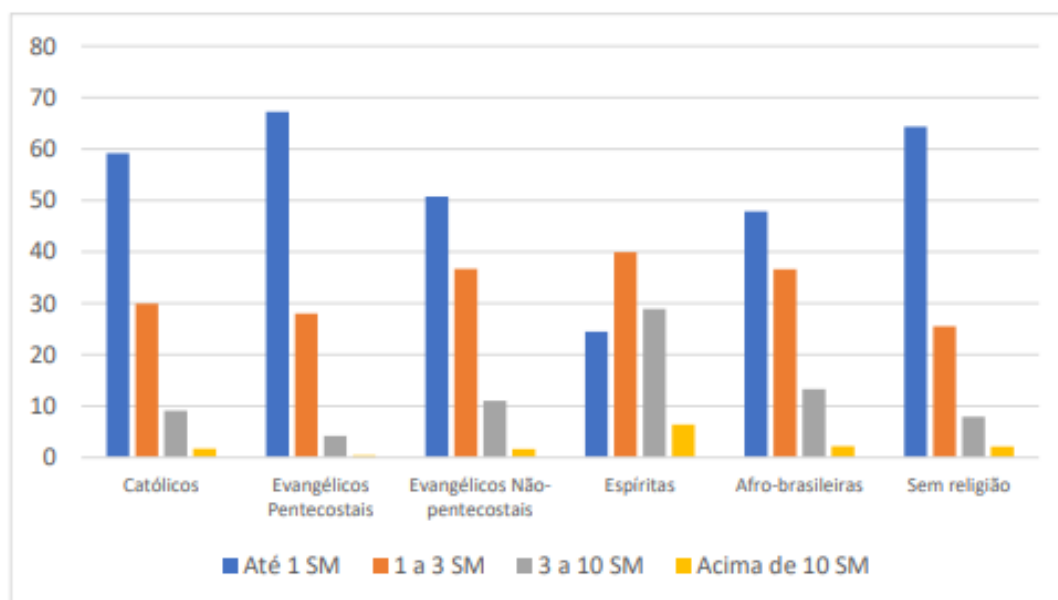
Como afirma Mariano:

[...] de um século de presença no país, o pentecostalismo prossegue crescendo majoritariamente na base da pirâmide social, isto é, “na pobreza”. Embora contenha um contingente de classe média, recruta a maioria de seus adeptos entre os pobres das periferias urbanas. (MARIANO, 2010, p.6).

A partir de 1950, as igrejas pentecostais expandem-se exponencialmente, mas ocorrem fragmentações nas religiões: enquanto as igrejas evangélicas mais antigas tornam-se preferência das classes mais altas, as pentecostais e neopentecostais, mais recentes, alcançam a população mais pobre (FREESTON, 1993). De acordo com Bello e Silva (2020), 63,7% dos pentecostais ganham até um salário mínimo e 28,0% recebem de um a três salários. Ademais, tal adequação a diferentes classes sociais possui reflexo no espaço geográfico. No geral, as igrejas pentecostais localizam-se nas periferias nos municípios centrais das regiões

metropolitanas, como é o caso de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Belém, Recife e Vitória (JACOB, *et. al.*, 2003).

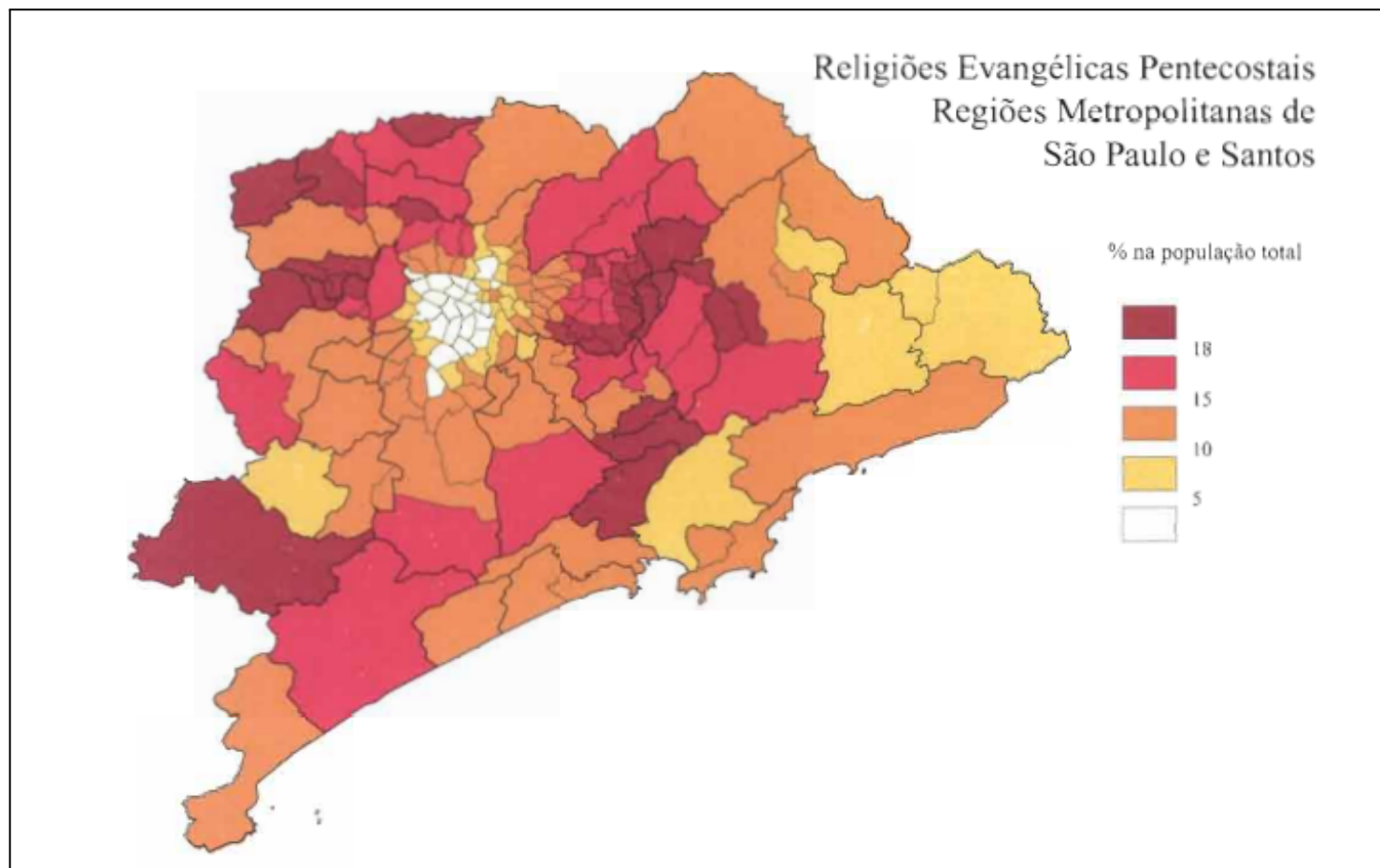
Gráfico 2 - Relação entre a renda e a religião da população brasileira, em 2010



Fonte: BELLO E SILVA, 2020

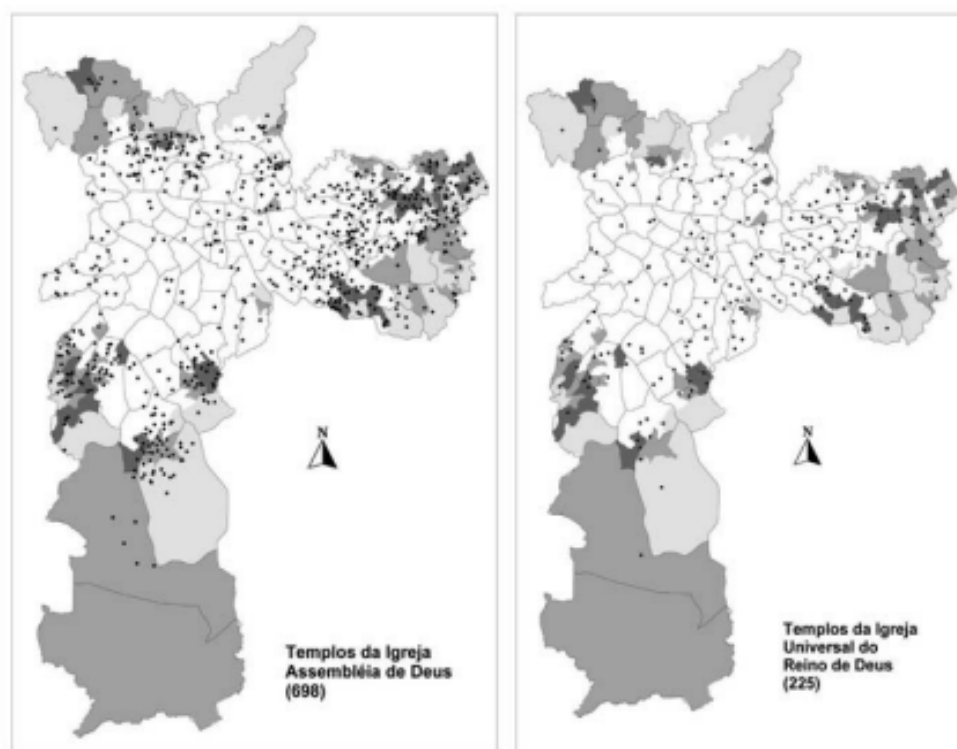
Além disso, a ocupação das igrejas pentecostais se dá na forma de anel, ocupando quase todos os distritos e subdistritos periféricos. Somente as áreas mais centrais de São Paulo escapam das estimativas (JACOB, *et. al.*, 2003). Dessa forma, verifica-se que há uma tendência à ocupação dos municípios centrais pelas igrejas pentecostais, e, ao mesmo tempo, um avanço aos bairros mais populares das capitais (JACOB, *et. al.*, 2003). A consolidação da religião nas áreas periféricas das metrópoles pode ser identificada nos mapas a seguir que analisam a porcentagem populacional pentecostal na região metropolitana de São Paulo e de Santos (Mapa 4) e que representam no espaço a concentração de duas das igrejas com maior número de fiéis no Brasil, a Assembleia de Deus e a Igreja Universal do Reino de Deus (Mapa 5).

Mapa 4 - Porcentagem da população total adepta ao pentecostalismo na região metropolitana de São Paulo e de Santos



Fonte: JACOB, *et. al.*, 2003

Mapa 5 - Concentração espacial das Igrejas Assembleia de Deus e Universal do Reino de Deus no município de São Paulo



Fonte: Almeida (2004)

A expansão das igrejas pentecostais nas periferias se dá através do fenômeno de início na década de 1990, a pulverização — processo de autonomização do pentecostalismo através da instalação de pequenas igrejas, muitas vezes nas garagens das residências (MARQUES, 2019). Além disso, o estabelecimento de relações de confiança e a construção de uma rede de apoio, que funciona como um circuito de trocas que envolve dinheiro, comida, utensílios, informações e recomendações de trabalho, são possíveis explicações para os maiores índices de igrejas pentecostais em áreas periféricas urbanas (ALMEIDA, 2004).

Em São Paulo, verifica-se uma expansão maior nas últimas décadas nas periferias da Zona Leste de São Paulo. Dos dez distritos paulistanos com maior percentual da população pentecostal, nove estão concentrados na Zona Leste do município (Cidade Tiradentes, Lajeado, Iguatemi, Guaianases, Vila Curuçá, Itaim Paulista, São Mateus, São Rafael e Vila Jacuí) e apenas um na Zona Norte (Perus). Além disso, a Zona Leste além de ser a região mais populosa da Região Metropolitana, concentrando 35% da população, apresenta índices de renda média menores do que a média. Metade dos domicílios possuem renda mensal de até R\$2.020 e cerca de R\$16,77 por dia (SEADE, 2020).

Tabela 3 – Distritos paulistanos com maior percentual de pentecostais

Distrito	Percentual de Pentecostais na população total
Cidade Tiradentes	21,5%
Lajeado	20,9%
Perus	20,6%
Iguatemi	20,4%
Guaianases	20,2%
Vila Curuçá	19,5%
Itaim Paulista	19,3%
São Mateus	19,1%
São Rafael	19,1%
Vila Jacuí	18,9%

Fonte: Fajardo, 2011

Apesar da forte expressão do pentecostalismo nas periferias das regiões metropolitanas, observa-se que enquanto objeto de estudo geográfico, faltam análises sobre a multidimensionalidade da expansão das igrejas no território brasileiro. De acordo com Araújo (2018), em sua pesquisa sobre a expansão territorial da Igreja Universal do Reino de Deus, existe um conjunto de diferentes estratégias que são articuladas em um determinado tempo e espaço e que justificam a dispersão das igrejas. Além disso, o autor aponta a limitação em compreender a ascensão da abertura dos templos evangélicos apenas através dos índices socioeconômicos da população.

Capítulo 3 - A presença das igrejas evangélicas no bairro do Brás e nos arredores do território

Os arredores do bairro do Brás constituem um recorte espacial importante para a análise da presença evangélica em São Paulo devido ao aumento significativo no número de templos nas últimas décadas. Ademais, no bairro concentram-se templos-sede de igrejas expressivas como a da Assembleia de Deus e da Congregação Cristã, além da recente edificação do mega templo, o Templo de Salomão da Igreja Universal do Reino de Deus, que constitui o maior espaço religioso do Brasil. Alguns fatores podem justificar a expansão evangélica nos territórios. Neste capítulo, ressalta-se a posição espacial central no município

de São Paulo e as atuais redes de fluxo que o atravessam, além do processo de consolidação urbana do bairro entre o século XIX e o século XX.

O processo de urbanização da área inicia-se no final do século XIX no contexto de ampliação da economia cafeeira, que demandou a construção de ferrovias para escoar a produção, do aumento dos contingentes migratórios europeus no município de São Paulo e, principalmente, a partir da instalação das primeiras indústrias têxteis no bairro (TORRES, 1985; MAMIGONIAN, 2016).

A aristocracia paulista, entre 1850 e 1900, ampliou em 59% a produção cafeeira (MAMIGONIAN, 2016). Além disso, no período, o café tornou-se motor do desenvolvimento capitalista no território, já que possibilitou a acumulação de capital a partir da retenção de parte do lucro e com a inserção do produto no mercado internacional (SILVA, 1976; CARDOSO, 1960). Com isso, a economia cafeeira dinamizou o complexo econômico paulista, já que na fase de expansão do café o lucro gerado possibilitou o investimento em outros setores, como o de transportes e o industrial (CANO, 2007).

Tabela 4 - Percentual da produção cafeeira em São Paulo em relação ao Brasil entre 1880 e 1990

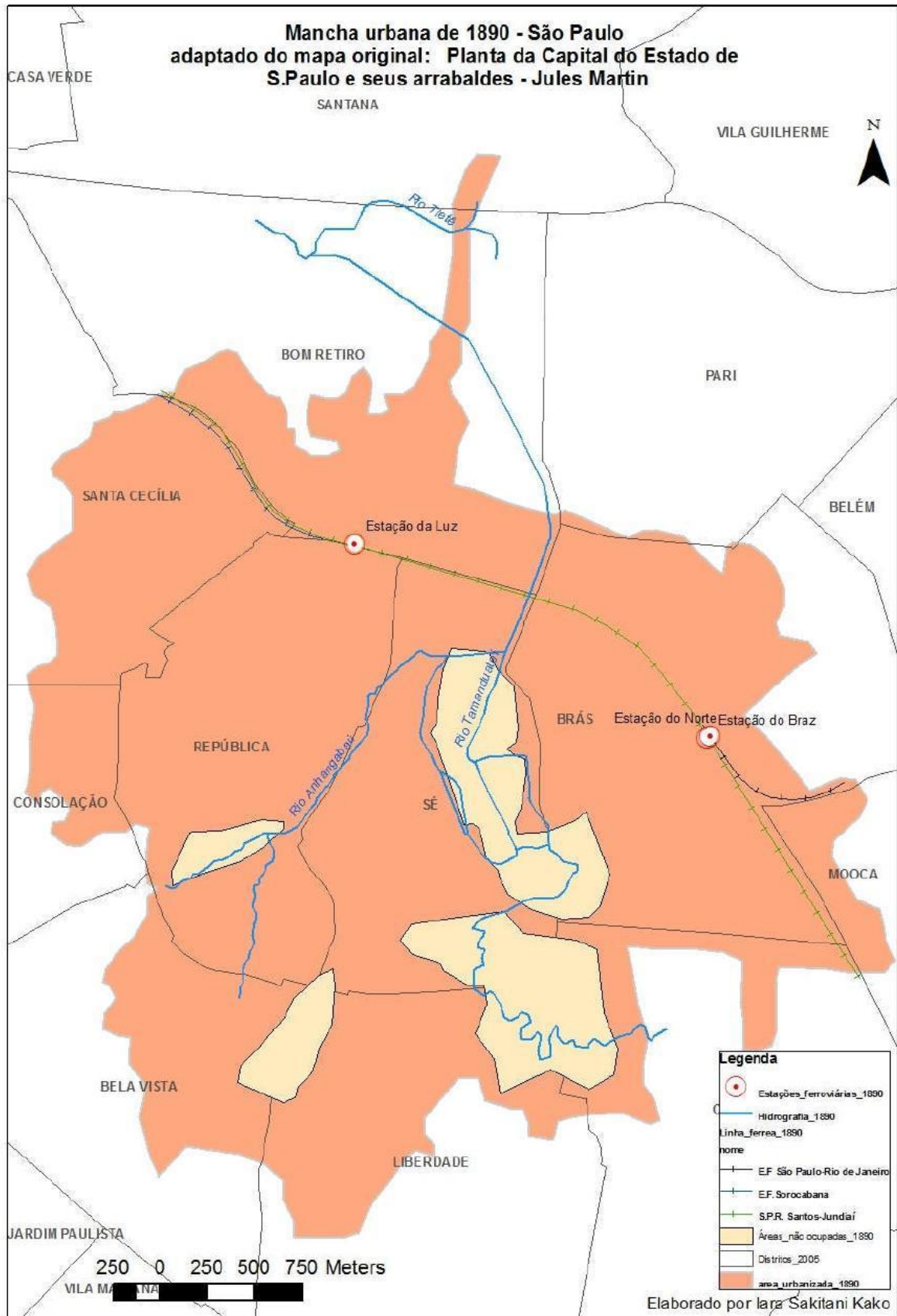
Período	1860	1870	1880	1885	1990
Produção cafeeira (%)	6%	16%	25%	40%	65%

Fonte: CANO, 2007. Organização da autora

Nesse contexto, de 1886 a 1930, foram 18 ferrovias construídas no estado de São Paulo, concentradas principalmente nas áreas de maior dinamismo econômico (NUNES, 2002). As ferrovias, que eram utilizadas para escoar a produção cafeeira do interior do estado em direção aos portos, também definiram novos usos e ocupações do espaço do entorno da malha ferroviária e, com isso, constituem um dos fatores que possibilitaram o desenvolvimento urbano paulista (PASSARELLI, 2006). Ademais, verifica-se a convergência das principais ferrovias¹⁰ do período no município de São Paulo, o que transformou o território em uma centralidade. A partir disso, alojam-se famílias dos cafeicultores que realizam na metrópole paulistana as transações do café (PASSARELLI, 2006).

¹⁰ Ressalta-se as ferrovias São Paulo Railway, a Companhia de Ferro Estrada Sorocabana como as principais do período e que convergem no município de São Paulo (KAKO, 2013)

Mapa 6 - Evolução da mancha urbana a partir da instalação das ferrovias em São Paulo (1890)



Fonte: Kako, 2013

No bairro do Brás, ressalta-se as ferrovias São Paulo Railway, que ligavam o município de Santos à Jundiaí (BNDigital, 2021), e a Estrada de Ferro Central do Brasil, que realizava o transporte de cargas e passageiros entre Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo (APESP, 2014), constituindo meio de alto fluxo de pessoas e de mercadorias. Nos entornos da construção das ferrovias desenvolve-se a industrialização no bairro e modifica-se a paisagem, gerando uma ascensão do crescimento urbano, denominado por Pierre Monbeig (1934) como epidemia de urbanização. A partir disso, observa-se no mapa 6 a evolução da urbanização no bairro a partir da instalação das primeiras ferrovias ainda no século XIX, já que as vias férreas possibilitaram a ocupação do espaço.

Ademais, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, ocorreu um aumento da imigração da população vinda majoritariamente da Europa Mediterrânea para o trabalho nas lavouras de café paulista (BASSANEZI, 2018). Contudo, parte da população realocou-se nas áreas recém urbanizadas com o intuito de obter outros padrões de vida e de trabalho, o que contribuiu para o aumento da urbanização, para o desenvolvimento econômico e para aumento da densidade populacional. Tendo em vista o dinamismo econômico do município de São Paulo no período, identifica-se que o território foi grande pólo de atração de grande parcela dos migrantes (BASSANEZI, 2018).

O Brás foi um dos espaços ocupados pelos imigrantes europeus em São Paulo. Em 1886, a população no bairro somava 5.998 pessoas. Já em 1893, encontram-se 32.387 indivíduos, sendo 62,6% deles estrangeiros. Ademais, ressalta-se que 60,7% dos imigrantes eram italianos, 24,4% portugueses e 11,3% espanhóis (BASSANEZI, 2018). Além da influência das ferrovias e do processo de crescimento urbano da área, compreende-se que as obras de saneamento básico (1875), a iluminação a gás (1872) e as indústrias que se instalaram no Brás são atributos que justificam o grande fluxo migratório para o bairro no início do século XX (MARIA DE ANDRADE, 1991).

Entre os séculos XIX e XX observa-se a expansão das indústrias presentes no Brás e no Belenzinho. De acordo com Margarida Maria de Andrade (1991), entre 1877 a 1885 encontram-se no território uma convergência entre os tipos de produção artesanal e industrial. No bairro, identificam-se a produção de mercadorias como o vinho e o açúcar, todas inauguradas por imigrantes italianos ou luso-brasileiros.

Entre 1885 foram identificados 21 estabelecimentos industriais localizados no Brás e intermediações. No Marco da Meia Légua, João Boemer fabricava cerveja; José del Porto tinha fábrica de macarrão; Carlo Augusto Bresser tinha um moinho a vapor de fubá e café; José Gabriel Machado, Faustino José da Costa e Daniel Krugs constam como “ferreiros, serralheiros e mecânicos”, Ricardo José dos Santos era tamanqueiro. No Brás, estavam estabelecidos João Pardim e Cia como fabricante de

carroças, o Dr Ignácio José de Araújo com fábrica de vinho; Anselmo Duarte com refinação de açúcar; João Schuler entre os “ferreiros, serralheiros e mecânicos” e Braz Florenciano como funileiro (MARIA DE ANDRADE, 1991, p. 114).

Porém, a partir de 1890, juntamente com a expansão dos fluxos migratórios para São Paulo, inicia-se a expansão de grandes indústrias¹¹ de chapéus, roupas e calçados principalmente nos arredores das estradas de ferro. Com isso, principalmente o Brás adquire relevância por concentrar indústrias nos arredores da ferrovia São Paulo Railway e a Estrada de Ferro Central do Brasil. Além disso, dos 8.000 operários que trabalhavam em São Paulo, 2.500 trabalhavam no Brás e metade em fábricas de tecidos (ANDRADE, 1991). Ressalta-se que a ampliação das grandes fábricas no bairro é reflexo da manutenção da hegemonia das elites cafeeiras, que transmutam os investimentos para atividade econômica industrial, e dos imigrantes europeus em ascensão econômica, que correspondiam a parcela da população que possuía capital para a instalação de estabelecimentos industriais (ANDRADE, 1991).

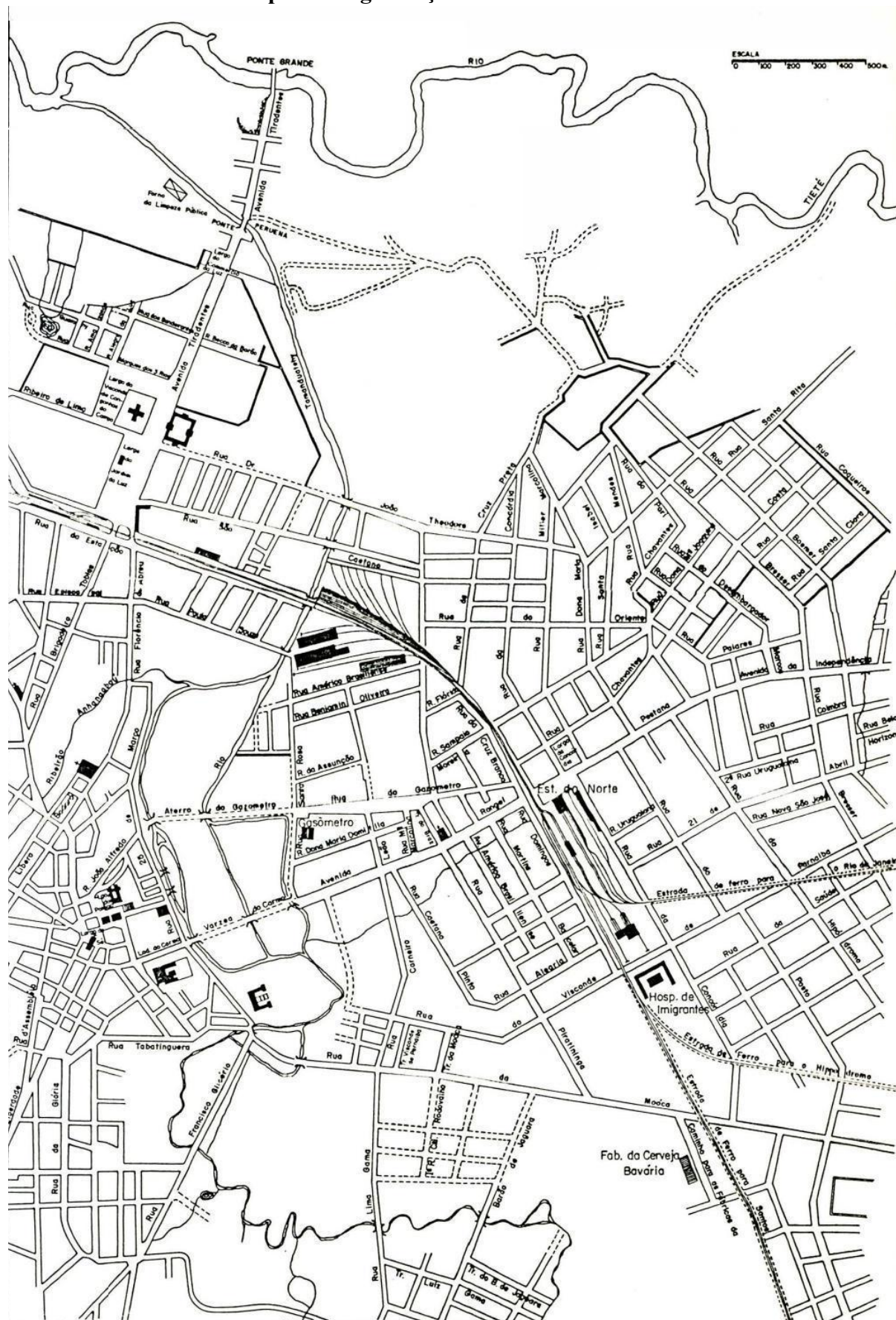
Os imigrantes, especialmente os italianos, eram também significativa parcela da mão-de-obra requerida pela a expansão da indústria têxtil no bairro (TORRES, 1985). Para fins de residência dos operários italianos, a paisagem do Brás adquiriu nova característica: instalaram-se as primeiras vilas operárias no bairro devido à proximidade com as indústrias e o baixo preço dos terrenos, caracterizado por ser uma área alagadiça às margens do Rio Tamanduateí (TORRES, 1985).

Sob o contexto da expansão industrial e da urbanização e aumento populacional decorrente da imigração italiana no final do século XIX e início do século XX, verifica-se o surgimento das primeiras igrejas pentecostais no Brás — a igreja Congregação Cristã inaugurada em 1910 pelo italiano Luigi Francescon (MACEDO, 2007) e da Primeira Igreja Batista do Brás em 1911, de origem norte-americana (PIB do Brás, 2023; SANTOS JÚNIOR, 2019). A Congregação Cristã do Brás localiza-se na atual rua Visconde de Parnaíba e a Igreja Batista na rua Major Otaviano, ambas nos arredores da antiga estrada de ferro Central do Brasil, na linha que direcionava as mercadorias e a população ao Rio de Janeiro.

No mapa 7 identifica-se a localização das estradas de ferro no Brás no final do século XX, assim como as principais indústrias e estabelecimentos do período, além das primeiras igrejas evangélicas no bairro.

¹¹ Ressaltam-se as fábricas Sant’Ana de Juta, o moinho Matarazzo, a fundição e a fábrica de máquinas agrícolas da Companhia Mecânica e Importadora, a tecelagem de lã de Antônio Alves Penteado, as fundições do coronel Francisco Amaro e de Craig e Martins (MARIA DE ANDRADE, 1991)

Mapa 7 - Organização territorial do Brás em 1895



Fonte: ANDRADE, 1991

3.1 A desvalorização industrial do Brás e os reflexos na expansão das igrejas pentecostais na avenida Celso Garcia

A partir do final da década de 1930, as ferrovias, que eram fator atrativo para a concentração de indústrias em São Paulo, são progressivamente substituídas por rodovias federais e estaduais, como a Via Dutra (1951) a Dutra é a BR 101, uma rodovia federal, que liga o município ao Rio de Janeiro através do Vale do Paraíba, e pela rodovia Anchieta (1939), que leva a Santos¹² (LAURENTINO, 2002). Com isso, desenvolveu-se novos pólos industriais nos municípios transpostos pelas rodovias, como Guarulhos e São Bernardo do Campo que, respectivamente, são cortados pela Via Dutra e pela Anchieta (LAURENTINO, 2002).

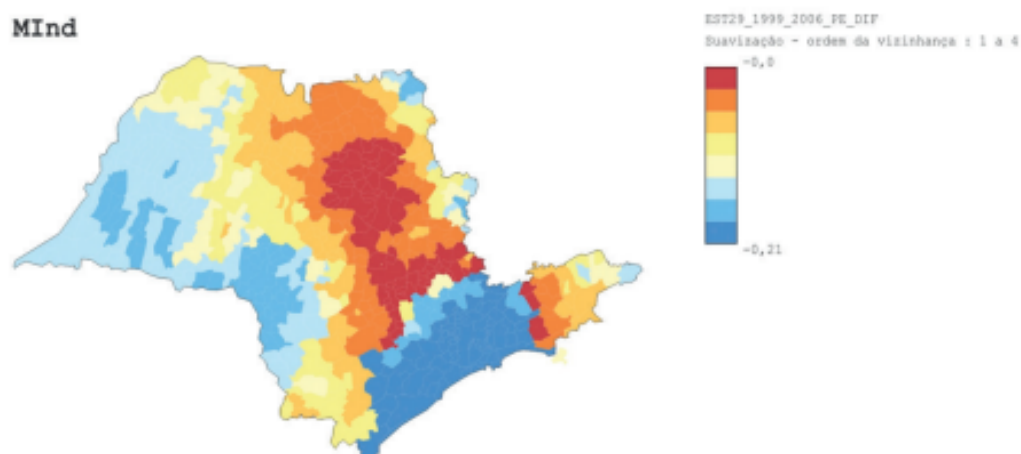
Com isso, principalmente a partir da década de 1970, há um processo de dispersão de indústrias que estavam concentradas no município de São Paulo devido aos denominados custos de aglomeração — encarecimento e a escassez de terrenos, custos salariais e debilidade de infraestruturas (NEGRI, 1993). Além disso, a desativação ou transferência de estabelecimentos industriais da RMSP para outras localizações se deve às melhores vantagens fiscais e de terra, mão-de-obra barata, e pela menor pressão dos sindicatos (LEITE, 2004).

A metrópole de São Paulo, por sua vez, considerando a ascensão da influência dos fluxos de informação na hierarquização do sistema urbano, torna-se uma metrópole informacional e centraliza o controle produtivo e administrativo no território brasileiro (SANTOS, 1990). Ainda sobre as atuais dinâmicas na metrópole paulista, Milton Santos afirma:

Sem deixar de ser a metrópole industrial do país, apesar do movimento de desconcentração da produção recentemente verificado, São Paulo torna-se, também, a metrópole dos serviços, metrópole terciária, ou, ainda melhor, quaternária, o grande centro de decisões, grande fábrica de ideias que se transformam em informação e mensagens, das quais uma parte considerável são ordens (SANTOS, 1990, p. 18)

¹² Santos e o Rio de Janeiro constituem municípios onde ocorrem grandes fluxos de mercadorias através dos portos e possuem importante mercado consumidor.

Mapa 8 - Área de crescimento e retração da produção industrial (1999-2006)



Fonte: Sposito, 2015

Como consequência da hierarquização do espaço urbano, a paisagem dos bairros com tradição industrial mais antiga, como o Brás, sofrem modificações. A partir do desenvolvimento das malhas viárias no território, e, logo, com a utilização de caminhões para escoar as mercadorias, os bairros cujas vias não foram projetadas para veículos tornam-se desfavorecidos no desenvolvimento das atividades econômicas industriais (LAURENTINO, 2002). O Brás deflagrou a saída de grandes indústrias, como a Indústria de Máquinas Textéis Ribeiro S/A, que fechou as duas fábricas no Brás e realizou a mudança das unidades produtivas para o município de Guarulhos (MARIA DE ANDRADE, 1991). Ademais, no período de 1975 a 1985, o bairro reduziu a quantidade de operários em 11.000 (MARIA DE ANDRADE, 1991).

Por isso, identifica-se que no município de São Paulo e no bairro do Brás o processo de desconcentração industrial é decorrente da impossibilidade de ampliação das plantas físicas, do aumento dos custos da terra, da já consolidada ocupação do entorno, das dificuldades de circulação de cargas e da pressão sindical que elevaram os custos produtivos, provocando deseconomias de aglomeração para diversas atividades econômicas (CAIADO, 2004).

Contudo, verifica-se que há uma manutenção de parte das indústrias têxteis do bairro, já que se consolidou uma área voltada para o comércio das mercadorias produzidas por este ramo e, além disso, com a construção da avenida dos Estados no Brás, torna-se possível a rede de fluxos das mercadorias pelas malhas viárias (LAURENTINO, 2002). Ressalte-se que o Brás possui fácil acesso a importantes corredores viários que possibilitam os fluxos para outras zonas da cidade, além da região industrial do ABC: as rodovias Presidente Dutra,

Fernão Dias, Castelo Branco, Bandeirantes, Anhanguera e a Ayrton Senna, além das marginais do rio pinheiros e a rodovia Raposo Tavares e a Régis Bittencourt (LAURENTINO, 2002), o que são fatores que beneficiam a permanência de indústrias no bairro.

Contudo, as indústrias que se localizavam nas proximidades das antigas linhas férreas tiveram desvantagem frente às mais próximas da avenida do Estado. Com isso, o Brás perdeu indústrias, o que provocou um relativo esvaziamento do bairro no que concerne à presença da atividade industrial. Além dos galpões industriais, os edifícios industriais e a orla ferroviária foram abandonados, o que modificou a paisagem do Brás (ROLNIK, 2000). Nas últimas décadas, alguns galpões foram transformados em áreas e prédios residenciais devido à proximidade às áreas centrais do município, além da boa infraestrutura de comércio e serviços que se estabeleceu na região (LAURENTINO, 2002).

Por isso, a partir da década de 1990, verificam-se mudanças no território do bairro. O Brás, apesar de possuir vários vestígios dos casarões, vilas operárias, espaços fabris e galpões, não foi priorizado pelos órgãos de preservação do patrimônio histórico e cultural. Com isso, abriu margem para a atuação do mercado imobiliário e para a verticalização do território (OLIVEIRA, 2014). Além disso, embora ocorram projetos públicos de investimento em habitação no bairro, há uma hegemonia do mercado imobiliário em construir habitações voltadas para a população de classe média. Nas últimas décadas foram mais de 3 mil unidades habitacionais privadas no Brás e 4500 no Belém. No geral, os projetos possuem o intuito de revitalizar e revalorizar os antigos centros industriais (OLIVEIRA, 2014). De acordo com Aurílio Caiado (2004), a partir do deslocamento das produções de alto rendimento e com a liberação de terrenos das antigas fábricas, há espaço para empreendimentos imobiliários, o que é denominado como renovação urbana das antigas zonas industriais.

Ao mesmo tempo, verifica-se um aumento das igrejas evangélicas no Brás, o que transformou a paisagem do bairro nas últimas décadas. Ressalta-se a construção do Templo de Salomão, da IURD, com mais de 80 mil metros quadrados, que, assim como outras igrejas evangélicas que surgem no território após a década de 1990, aproveitaram a estrutura dos antigos espaços fabris para a fundação de grandes templos (OLIVEIRA, 2014). Com isso, verifica-se que as igrejas evangélicas fazem parte da atual revitalização dos antigos bairros industriais, cuja intervenção urbana e degradação do espaço urbano tornam-se gigantescos. Sobre isso, Regina Soares de Oliveira afirma:

Embora tenham ocorrido transformações no entorno dessas construções, com a chegada de novos comércios, restaurantes e lanchonetes, principalmente ao redor da IURD, que já possuía um complexo administrativo ao redor da antiga sede do Brás, o impacto na paisagem é imenso, uma vez que, de forma alguma, estas construções dialogam com o entorno, apesar de assim se anunciarem (OLIVEIRA, 2014, p. 35)

Imagem 1 - Templo de Salomão em avenida Celso Garcia



Fonte: Autoria pessoal (2023)

De modo geral, a lógica utilizada para a construção dos templos evangélicos são a predileção por condições espaciais que possibilitem a maior visibilidade da igreja e, consequentemente, uma adesão em massa de fiéis (ALMEIDA, 2004). Quando analisadas as mais recentes instalações de templos neopentecostais, principalmente da Igreja Universal do Reino de Deus, verifica-se que os templos da vertente localizam-se nas áreas cujas as redes de circulação estão bem estabelecidas (ALMEIDA, 2004) — como nas proximidades de pontos de ônibus, linhas de metrô e principais malhas viárias do município. Dessa forma, verifica-se nos arredores do Brás uma concentração recente das igrejas neopentecostais nas principais vias do território, como na avenida Celso Garcia, e nas vias em direção a Zona

Leste do município, como nas proximidades da avenida Dr. Bernardino Brito Fonseca de de Carvalho, na Vila Matilde e da avenida Aricanduva, Vila Carrão.

Esse tipo de construção imponente nas vias principais é uma estratégia de visibilidade e marketing que se articula com sua presença na mídia e na esfera política, visto que para sua efetivação necessitam de trâmites burocráticos nas administrações municipais. A intenção é parecer maior do que realmente é (ALMEIDA, 2004, p. 23).

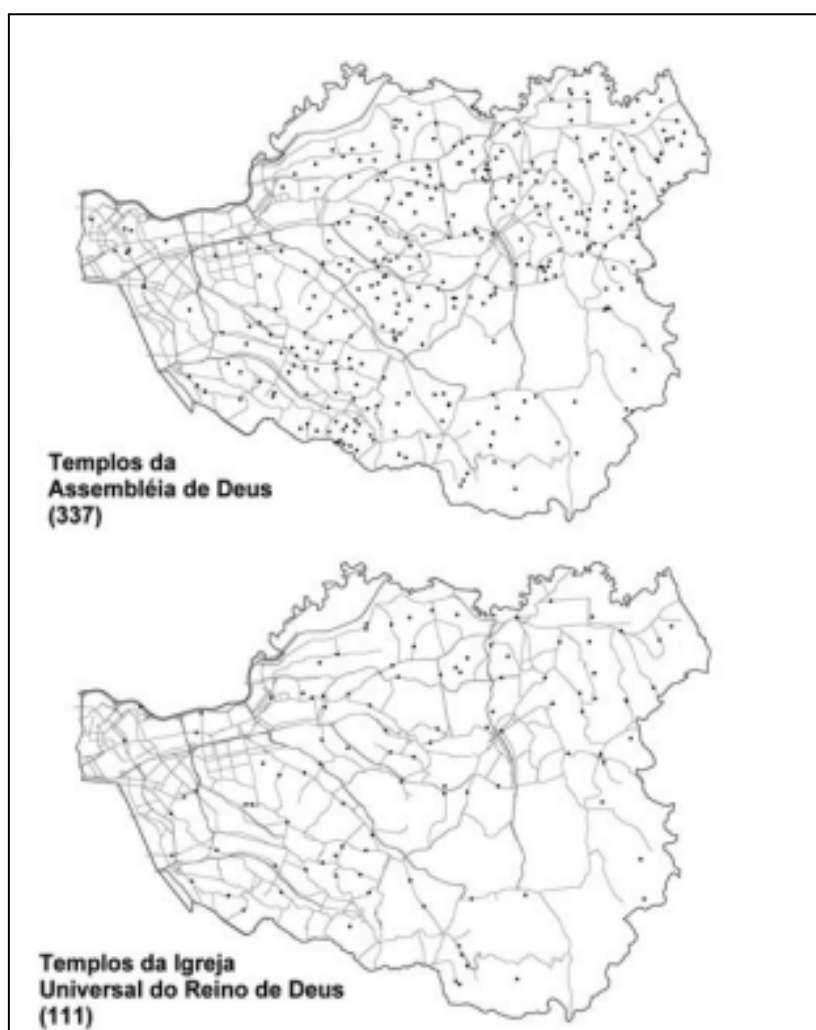
Imagens 2 e 3 - Assembleia de Deus e Igreja Universal do Reino de Deus na avenida Celso Garcia



Fonte: Autoria pessoal (2023)

Além disso, outra importante estratégia utilizada pelas igrejas pentecostais é a instalação de templos nas vias principais de acesso às zonas com maior concentração de fiéis (ALMEIDA, 2004). Tendo em vista que o Brás dá início a Zona Leste do município, uma das regiões com maior número de fiéis evangélicos e também a mais populosa de São Paulo, identifica-se uma maior concentração das igrejas pentecostais e neopentecostais nas avenidas que conduzem à extremidade leste do município. De acordo com o mapa elaborado por Ronaldo de Almeida (2004), observa-se a localização espacial das duas principais vertentes pentecostais, a Assembleia de Deus e a Universal do Reino de Deus, justamente nas proximidades das capilaridades da região.

Mapa 9 - Templos evangélicos e vias principais da Zona Leste de São Paulo



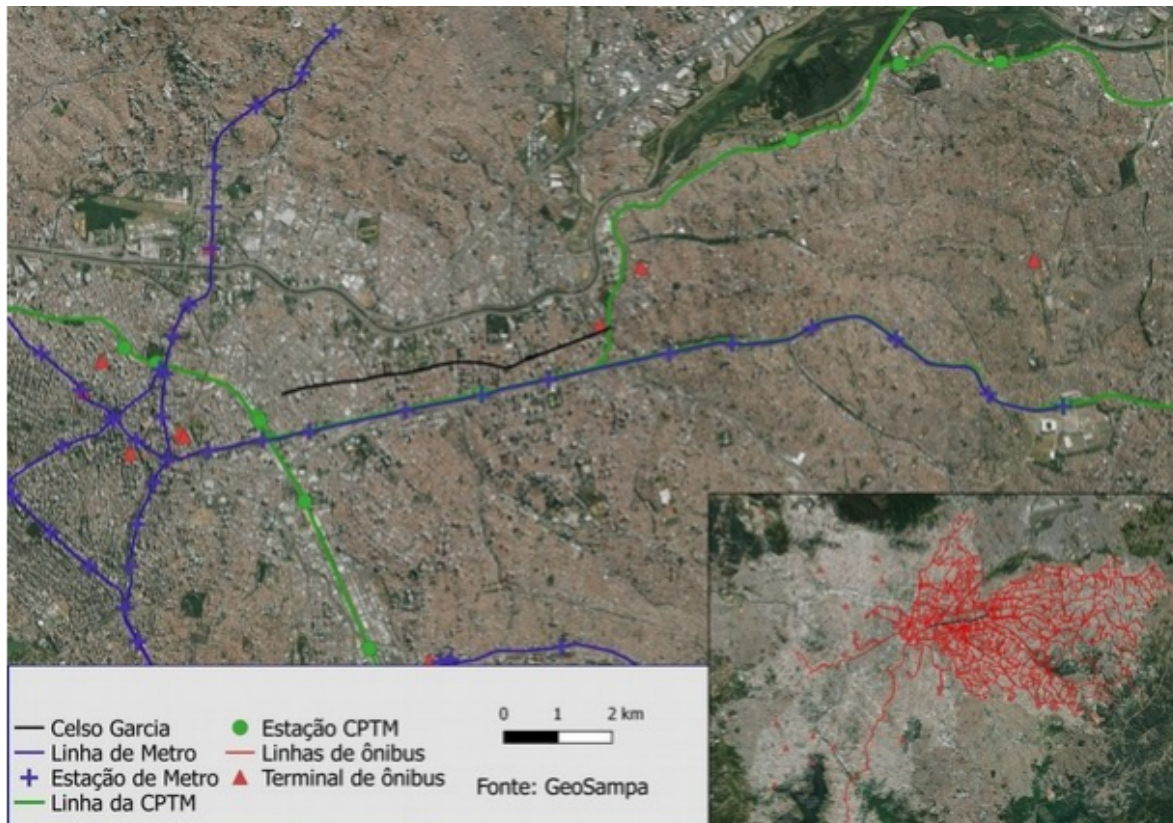
Fonte: Almeida (2004)

Dessa forma, no Brás e arredores, verifica-se nas últimas décadas uma grande expansão do número de templos evangélicos nas proximidades das principais vias de acesso à Zona Leste. Ressalta-se a avenida Celso Garcia, que liga o centro da cidade ao bairro da Penha, sendo pólo de irradiação da população da Zona Leste e de municípios vizinhos, e, até meados da década de 1970, a única alternativa viária de conexão à Zona Leste (CETESB, 1979). Ademais, além de ser importante corredor viário, analisa-se a proximidade com as linhas de metrô Bresser-Mooca, Belém e Carrão, além das estações de trens metropolitanos Brás e Tatuapé e da proximidade com a avenida Marginal Tietê.

Além disso, identifica-se que os fluxos de transportes na Celso Garcia são realizados principalmente nos corredores de ônibus. Na avenida, concentram-se 37 pontos de ônibus, além de faixas exclusivas ao transporte (GeoSampa, 2023). A capilaridade que as linhas de ônibus possuem na Celso Garcia, realizando o deslocamento da população principalmente

para a Zona Leste do município, e a proximidade da avenida a estações de metrô e de trens metropolitanos são representadas no mapa abaixo elaborado por Sanches (2020).

Mapa 10 - Relação entre a avenida Celso Garcia e o eixos de transporte



Fonte: Sanches (2020)

Desde o início da década de 1960, as áreas do entorno da avenida Celso Garcia passaram pelo processo de desvalorização dos terrenos (SOARES, 2009). O primeiro indício do processo é a migração da classe média que ali residia para a região sudoeste da cidade. Da mesma forma, as indústrias localizadas nos arredores da avenida foram realocadas para outras regiões e municípios (SOARES, 2009). A partir do declínio das atividades econômicas da área, identifica-se um esvaziamento comercial e habitacional na Celso Garcia, ocasionando um certo abandono de pontos comerciais da avenida. Com isso, no período, a via reduz-se a um trecho que faz ligação entre o bairro e o centro do município (SOARES, 2009).

Já na década de 1980, a partir da implantação das linhas de metrô, potencializa-se ainda mais o esvaziamento da avenida, alterando o uso das edificações e, por vezes, gerando o abandono dos edifícios (PMSP, 2015). A partir disso, os fluxos de pessoas e as dinâmicas econômicas antes estabelecidas na Celso Garcia passam a localizar-se nos entornos das linhas de metrô, principalmente nas proximidades das estações Brás e Bresser (PMSP, 2015). Dessa

forma, a trajetória histórica e econômica dos arredores da avenida Celso Garcia que resultam nas transformações do uso do território e no esvaziamento dos terrenos (AMADIO, 2004) são fatores que possibilitam a expansão das igrejas evangélicas na área.

Contudo, os entornos da Celso Garcia dispõem de grande fluxo de pessoas, já que há o fácil acesso às principais redes viárias que ligam o centro do município à Zona Leste, além de dispor das linhas de metrô e trens metropolitanos nas proximidades. Além disso, há certo dinamismo econômico na área, já que a divisão do trabalho dos antigos bairros operários, pautada na manutenção das indústrias têxteis, perpassa o território da Celso Garcia. Com isso, as características dos arredores da avenida favorecem a lógica das igrejas evangélicas de estabelecer templos em áreas de grande visibilidade, podendo atrair maior número de fiéis, e justificar a construção de grandes templos na avenida. A partir disso, compreende-se os índices de expansão evangélica na Celso Garcia, aumentando em 66 templos nos últimos 20 anos, sendo 39 apenas na última década.

Considerações finais

As igrejas evangélicas, que consistem nos evangélicos de missão, os pentecostais e os neopentecostais, diferem entre si nos dogmas, na maneira como se organizam no espaço nacional e no período e no contexto histórico de inserção das religiões no território brasileiro. Apesar da introdução das primeiras igrejas evangélicas de missão acontecerem já no século XIX, a consolidação evangélica no território tem início nas primeiras décadas do século XX, período cujas atividades econômicas da extração de látex em Belém no Pará e a economia cafeeira em São Paulo estavam em ascensão. Atraídos pelo dinamismo econômico, os grupos religiosos de origem européia instauram os primeiros templos no território — respectivamente, a Assembleia de Deus (1911) e a Congregação Cristã (1910).

Os parâmetros para a expansão das vertentes evangélicas no território nacional consideram a organização territorial e o contexto econômico e social entrelaçados. De acordo com Ronaldo de Almeida (2004), no Brasil, uma das características espaciais que impulsionam o aumento do número de templos, principalmente dos pentecostais e neopentecostais, são a ampla capacidade de redes de fluxo de transportes e de pessoas em um território. Com isso, as igrejas tornam-se em evidência na paisagem, o que ampliaria o número de fiéis das diferentes vertentes. Ou seja, a deliberação da localização de um novo templo considera aspectos como vias de fácil acesso e que possuem numerosos deslocamentos nas proximidades como estratégia de atrair visibilidade às religiões mencionadas.

Além disso, outra particularidade que explica a expansão de igrejas pentecostais nas últimas décadas é a abertura de pequenos templos nas periferias dos municípios, fenômeno denominado como pulverização da religião (MARQUES, 2019). Sendo edificadas nas garagens de pequenas residências, as igrejas evangélicas ampliam exponencialmente o número de templos, já que para inauguração de um centro religioso, as infraestruturas podem ser básicas e há o desimpedimento por parte das sedes das instâncias religiosas — características diferentes de outras religiões, como a Católica, por exemplo (MARQUES, 2019).

Nas últimas décadas, verifica-se também a construção de grandes e mega templos. No município de São Paulo, identifica-se que estes templos concentram-se nos bairros centrais, tendência oposta ao ordenamento territorial de grande parte dos pequenos templos. Isso se deve a visibilidade e ao marketing que os imponentes templos possuem (ALMEIDA, 2004), podendo atrair um grande número de fiéis. Lefebvre (2000), classifica como *espaços de representação* a produção do espaço tendo em vista a atribuição de um significado através de simbologias. Na paisagem paulistana, o Templo de Salomão constitui um espaço de representação tendo em vista a associação da arquitetura com os símbolos de proeminência e a ascensão que a construção com mais de 100 mil metros quadrados oferece aos religiosos que frequentam o templo.

Ademais, a expansão das igrejas evangélicas ocorrem em maior quantidade nas áreas urbanas (MARIANO, 2010). Por isso, São Paulo constitui importante município de análise, já que, além de ser a maior metrópole do Brasil, 99,1% da população paulistana reside em zonas urbanas (SEADE, 2010). Além disso, considerando o relevante aumento de 66 templos evangélicos nas últimas duas décadas, e que apresentam-se no espaço as sedes de grandes denominações evangélicas e a edificação de grandes templos, os arredores da avenida Celso Garcia é um recorte espacial fundamental para a compreensão dos aspectos espaciais que justifiquem a atual expansão evangélica no território.

As primeiras igrejas evangélicas dos arredores da Celso Garcia localizam-se no Brás, importante bairro operário do município de São Paulo. O Brás, posicionado no centro do município de São Paulo, iniciou a urbanização no final do século XIX com a ascensão da economia cafeeira paulista, que procedeu a construção de ferrovias para escoar a produção. A partir do dinamismo econômico gerado, aumentam-se os fluxos migratórios para o bairro e instalam-se as primeiras indústrias têxteis (TORRES, 1985; MAMIGONIAN, 2016).

Contudo, a desconcentração industrial que ocorre a partir da década de 1970 por causa do encarecimento e a escassez de terrenos, custos salariais, insuficiência das infraestruturas

de transportes e o fortalecimento dos sindicatos (NEGRI, 1993). Além disso, as vias férreas foram substituídas pelas rodovias, o que possibilitou a expansão das indústrias para os municípios no interior do estado (LAURENTINO, 2002). Como consequência, ocorreu o esvaziamento da atividade industrial no Brás, o que resultou no abandono dos galpões industriais, os edifícios industriais e a orla ferroviária (ROLNIK, 2000), modificando os usos do território no bairro (AMADIO, 2004). A partir de Milton Santos (2002), compreende-se que “como um lugar se define como um ponto onde se reúnem feixes de relações, o novo padrão espacial pode dar-se sem que as coisas sejam outras ou mudem de lugar. É que cada padrão espacial não é apenas morfológico, mas, também, funcional”.

Por isso, a partir da disponibilidade de terrenos e estruturas industriais no Brás e com a desconcentração industrial que reduz o preço dos terrenos, inicia-se o processo de expansão das igrejas evangélicas no bairro. Além disso, verifica-se que nas vias de maiores fluxos de transportes e de pessoas a concentração dos templos é maior. Dessa forma, a avenida Celso Garcia torna-se foco da recente instalação de templos por ser uma das principais vias de das áreas centrais do município com a Zona Leste, que detém o maior número de fiéis evangélicos de São Paulo (ALMEIDA, 2004).

Com isso, analisa-se a adoção de características empresariais pelas igrejas evangélicas já que o planejamento de inserção territorial dos templos e a utilização de ferramentas de marketing utilizadas (MARIANO, 2010). Ademais, a concentração de templos de diferentes vertentes em uma mesma avenida denota o aspecto mercadológico que assumem as igrejas pentecostais, já que o grande número de denominações evangélicas no Brasil gera uma intensa competição pelo espaço e por fiéis (NEGRÃO, 2008).

Por fim, compreende-se que alguns elementos do espaço são fundamentais para a expansão das igrejas pentecostais. Além da urbanização e os fluxos migratórios colaborarem para o processo de instalação dos templos no espaço, a transformação de São Paulo em uma metrópole informacional (SANTOS, 2009) e os constantes fluxo de pessoas e mercadorias no município são aspectos requeridos pelas igrejas evangélicas para aumentar a visibilidade da religião e atrair maior número de fiéis. Com isso, pelas recentes mudanças no uso do território e por abranger grande uma ampla rede de transportes e vias de circulação, o bairro do Brás, em especial nos arredores da avenida Celso Garcia, são escopo da expansão pentecostal das últimas décadas.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, G. F. **Assembleias brasileiras de Deus: Teorização, história e tipologia - 1911-2011**. 2012. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/1883/1/Gedeon%20Freire%20de%20Alencar.pdf>.

Acesso em: 15 de agosto de 2023

ALMEIDA, R. Religião na metrópole paulista. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 56, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/mC8NHF43DJSf8KkHwnWVXLH/abstract/?lang=pt>.

Acesso em: 17 de agosto de 2023

ALMEIDA, R.; BARBOSA, R. Transição religiosa no Brasil. In: ARRETCHE, M. **Trajetórias das desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

ALMEIDA, R.; MONTEIRO, P. Trânsito religioso no Brasil. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/ccq85SjmLJjtY7WcPynRJcs/abstract/?lang=pt>.

Acesso em: 17 de agosto de 2023

ALVES, J.; BARROS, L.; CAVENAGHI, S. A dinâmica das filiações religiosas no Brasil entre 2000 e 2010: diversificação e processos de mudança de hegemonia. **Rever**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 145-174, Jul/Dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/14570>. Acesso em: 15 de agosto de 2023

ALVES, J.; BARROS, L.; CAVENAGHI, S. Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil. **Tempo Social**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 215-242, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/112180/130985>. Acesso em: 16 de agosto de 2023

ALVES, R. C. Megatemplos Evangélicos: Linguagens híbridas e estéticas de consumo no espaço sagrado. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 16, 2019.

ANDRADE, M. M. **Bairros além-Tamanduateí: o imigrante e a fábrica no Brás, Moóca e Belenzinho**. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-13052022-091825/en.php>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

AMADIO, Decio. **Desenho urbano e bairros centrais de São Paulo: um estudo sobre a formação e transformação do Brás, Bom Retiro e Pari**. 2005. Tese (Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Acesso em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16131/tde-24032010-093752/pt-br.php>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

ARAÚJO, B. G. **A EXPANSÃO REGIONAL DAS REDES DE PODER DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS NO BRASIL**. Tese (Doutorado em Geografia).

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/25610>. Acesso em: 16 de agosto de 2023.

ASSUNÇÃO, L. M. **Religião e Migração: revisitando uma velha questão**. Tese (Mestrado em Sociologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-12012023-123643/publico/2004_LuizaMariaDeAssuncao.pdf. Acesso em: 16 de agosto de 2023.

AZEVEDO, A. **A cidade de São Paulo: estudos sobre a geografia urbana**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

BAENINGER, R. **Atlas temático: observatório das migrações em São Paulo**. Campinas: Editora Estadual de Campinas, 2013.

BASSANEZI, M. S. A mortalidade em tempos de ventura e desventura: o Brás na virada do século XIX para o século XX. **História Econômica e Demografia Histórica**, Campinas, v. 26, n. 1, p. 137-152, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8648836/17710>. Acesso em: 17 de agosto de 2023.

BRASIL, J. G. **A missão na Igreja do Evangelho Quadrangular em relação com a teologia da missão em Comblin**. Tese (Doutorado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/51161/51161.PDF>. Acesso em: 15 de agosto de 2023

CAIADO, A. S. **REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E LOCALIZAÇÃO INDUSTRIAL: a dinâmica industrial na RMSP entre 1985 e 2000**. Associação Nacional dos Centros de Pós-Graduação em Economia. Sorocaba, 2002. Disponível em: <https://core.ac.uk/reader/6357870>. Acesso em: 17 de agosto de 2023.

CARDOSO, F. H. O café e a industrialização da cidade de São Paulo. **Revista de História**, [S. l.], v. 20, n. 42, p. 471-475, 1960. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/119977>. Acesso em: 17 ago. 2023.

CARLOS, A. F. **O espaço urbano: Novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CARLOS, A. F. A metrópole de São Paulo no contexto da urbanização contemporânea. **Estudos Avançados**, v. 23, n. 66, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/XwS46QJPfBHP8nF3HRz9tyh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 17 de agosto de 2023

CAMPOS, L. S. (2005). As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. **Revista USP**, (67), p. 100-115. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i67p100-115>. Acesso em: 17 de agosto de 2023.

CAVALCANTI, S. D. **A SEGUNDA ONDA PENTECOSTAL NO BRASIL E A SUA EFETIVIDADE RELIGIOSA, SOCIAL E POLÍTICA: O CASO DA ICPBB**. Tese (Mestrado em Ciência das Religiões). Universidade Lusófona de Humanidades e

Tecnologias, Lisboa, 2007. Disponível em: <https://recil.ensinolusofona.pt/bitstream/10437/8983/1/DISSERTAC%CC%A7A%CC%83O%20CORRIGIDA%2009%20DE%20JULHO%202018%20solon%20diniz%20cavalcanti.pdf>. Acesso em: 17 de agosto de 2023.

DEITOS, Nilceu Jacob. **Representações Pentecostais no Oeste Paranaense: A Congregação Cristã do Brasil em Cascavel 1970-1995**. Dissertação de mestrado em História do Brasil. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis-SC, 1996. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/76991/170997.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16 de agosto de 2023

FAJARDO, M. P. **Pentecostais, migração e redes religiosas na periferia de São Paulo: um estudo de caso do bairro de Perus**. Tese (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2001. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/580>. Acesso em: 17 de agosto de 2023.

FAJARDO, M. P. **Onde a luta se travar: A expansão das Assembleias de Deus no Brasil Urbano (1946 – 1980)**. 2015. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista, Assis, 2015. Disponível em: <http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/cathedra/14-10-2015/000851874.pdf>. Acesso em: 15 de agosto de 2023

FERREIRA, B. **O nobre e antigo bairro da Sé**. São Paulo: Prefeitura Municipal, Secretaria de Educação e Cultura. 1971.

FRESTON, P. **Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS (SEADE). **Taxa de urbanização do município de São Paulo**. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://produtos.seade.gov.br/produtos/retratosdesp/view/index.php?temaId=1&indId=20&locId=3550308&busca=>. Acesso em 17 de agosto de 2023

GREGORY, Valdir. Imigração alemã: formação de uma comunidade teuto-brasileira. In: **Brasil: 500 anos de povoamento** / IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. - Rio de Janeiro : IBGE, 2007. 232 p.

JACOB, C. R., *et. al.* **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2003.

KAKO, I. S. **O papel dos trilhos na estruturação territorial da cidade de São Paulo de 1867 a 1930**. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-12092013-105708/publico/2013_IaraSakitaniKako_VCorr.pdf. Acesso em 17 de agosto de 2023.

LAVALLE, Adrián Gurza. **Espaço e vida pública: reflexões teóricas e sobre o pensamento brasileiro**. Tese de doutorado, São Paulo, Departamento de Ciência Política, FFLCH, 2001.

LEITE, L. C. **O PLANO DE PODER DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS:** Estratégias territoriais da expansão neopentecostal no Brasil. Tese (Mestrado em Geografia). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/31761>. Acesso em: 17 de agosto de 2023.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço.** Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000

LEONARD, E. **O protestantismo brasileiro.** São Paulo: Aste, 2008.

LANGENBUCH, J. **A estruturação da grande São Paulo: estudo de Geografia Urbana.** Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de Campinas, Rio Claro, 1968. Disponível em: https://bibliotecadigital.seade.gov.br/view/listarPublicacao.php?lista=0&opcao=5&busca=A%20Estruturacao%20da%20Grande%20Sao%20Paulo&tipoFiltro=pa.id_autor&filtro=817&descFiltro=LANGENBUCH,%20Juergen%20Richard&listarConteudo=T%C3%ADtulo%20%20%C2%BB%20A%20Estruturacao%20da%20Grande%20Sao%20Paulo. Acesso em: 17 de agosto de 2023

MACEDO, E. U. **Pentecostalismo e religiosidade brasileira.** Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-23102007-140542/publico/TESE_EMILIAN_O_UNZER_MACEDO.pdf. Acesso em: 16 de agosto de 2023.

MACHADO, M.; ABREU, G. A condição evangélica da Globalização e a estratégia político-espacial da Universal do Reino de Deus. **GeoUERJ**, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/56895>. Acesso em: 16 de agosto de 2023.

MAMIGONIAN, A [1990]. **Estudos de Geografia Econômica e de História do Pensamento Geográfico.** (Tese de Livre Docência). São Paulo: FFLCH/USP, 2004. Disponível em: <https://geografiaeconomicaesocial.paginas.ufsc.br/files/2016/04/Notas-sobre-o-processo-de-ind%C3%BAstrializa%C3%A7ao.pdf>. Acesso em: 17 de agosto de 2023.

MARIANO, A. L. **Congregação Cristã no Brasil:** Análise antropológica da primeira denominação pentecostal brasileira. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual Paulista, Marília, 2021. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/204633/mariano_alc_dr_mar.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 16 de agosto de 2023.

MARIANO, R. Crescimento pentecostal no Brasil: fatores internos. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, 2008. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.pdf. Acesso em: 17 de agosto de 2023

MARIANO, R. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo de 2010. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 14, v. 24, p. 119-137, jul./dez, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/43696>. Acesso em: 17 de agosto de 2023

MARIANO, R. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados**, v. 18, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10028>. Acesso em: 17 de agosto de 2023

MARQUES, V. A. **As igrejas menores nas quebradas de fé: a construção da hegemonia do pentecostalismo nas periferias de São Paulo (1990-2010)**. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/22326>. Acesso em: 17 de agosto de 2023

MATOS, A. S. O MOVIMENTO PENTECOSTAL: REFLEXÕES A PROPÓSITO DO SEU PRIMEIRO CENTENÁRIO. **Fides Reformata**, São Paulo, n.2, p. 23-50, 2006. Disponível em: https://cpaj.mackenzie.br/fileadmin/user_upload/2-O-movimento-pentecostal-reflex%C3%B5es-a-prop%C3%B3sito-do-seu-primeiro-centen%C3%A1rio-Alder-Souza-de-Matos.pdf. Acesso em: 17 de agosto de 2023

LAURENTINO, F. P. **Várzeas do Tamanduateí: Industrialização e desindustrialização**. Tese (Mestrado em Geografia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-09052022-154909/publico/2002_FernandoDePaduaLaurentino.pdf. Acesso em: 17 de agosto de 2023

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). MENDONÇA, A. G. O Protestantismo no Brasil e suas Encruzilhadas. **REVISTA USP**, São Paulo, n. 67, p. 48-67, set.nov., 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13455>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

MORAIS, E. E. **Religiosidade Neopentecostal metainstitucional: uma religiosidade sem limites**. 2019. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual Paulista, Marília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/191083>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1934.

MONTEIRO, Y. N. Congregação Cristã no Brasil: da fundação ao centenário - a trajetória de uma Igreja brasileira. **Estudos de Religião**, São Paulo, v. 24, n. 39, p. 122-163, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/229052763.pdf>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil contemporâneo**. *Sociedade e Estado*, v. 23, n. 2, p. 261-279, 2008. Disponível em: biblio.fflch.usp.br/Negrao_LN_24_1721626_PluralismoEMultiplicidadesReligiosasNoBrasilContemporaneo.pdf. Acesso em: 10 ago. 2023.

NEGRI, B. **A desconcentração da indústria paulista nos últimos vinte anos (1970 - 1990)**. (Texto para Discussão). Campinas: UNICAMP, Instituto de Economia, 1993. Disponível em: https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/3679/TD23_10-26-2018-143704.pdf. Acesso em: 17 de agosto de 2023.

NEGRI, B. **Concentração de desconcentração industrial em São Paulo (1880-1990)**. Tese (Doutorado em Economia). Instituto Estadual de Campinas, Campinas, 1994. Disponível em: <https://www.abphe.org.br/uploads/Banco%20de%20Teses/concentracao-e-desconcentracao-industrial-em-sao-paulo-1880-1990.pdf>. Acesso em: 17 de agosto de 2023.

NUNES, I. **Douradense: a agonia de uma ferrovia 1930-1960**. Tese (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2002. Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/dissertacoes-teses/6522/douradense-a-agonia-de-uma-ferrovia-1930-1960>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

OLIVEIRA, R. S. **Renovação urbana nos bairros operários da cidade de São Paulo: Brás e Belém (1992-2012)**. 2014. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/928141>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

PAEGLE, Eduardo G. M. Uma breve análise historiográfica do protestantismo brasileiro e suas tendências atuais. **Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – ANPUH**. Londrina, 2005

PEREIRA, C; FILHO, S. GEOGRAFIA DA RELIGIÃO, ESPAÇO SAGRADO E PENTECOSTALISMO: ANÁLISE DE UMA ESPACIALIDADE PENTECOSTAL. **Relegens Thréskeia**, v. 01, n. 2., 2012. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/31085>. Acesso em: 17 de agosto de 2023.

PETRONE, P. São Paulo no século XX. In: AZEVEDO, A. **A cidade de São Paulo: estudos sobre a geografia urbana**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958, p. 111 a 153.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. **Programa Patrimônio e referências culturais nas subprefeituras**. São Paulo: DPH, 2008, 28 p.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. Desenvolvimento Urbano. **Atelier Ensaios Urbanos**. São Paulo: FAAP, 2015.

RABELLO, P. H. **Os tratados de amizade, navegação e comércio na constituição do Estado Imperial brasileiro (1808-1829)**. Simpósio Nacional de História, Florianópolis, 2015. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548945018_9b99c27a42879a64cda3e56d096a8f19.pdf. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

RIOS, Eunice de Oliveira. **Geografia histórica, geografia da religião e cartografia de fluxos da matriz pentecostal brasileira (1911 a 1932)**. 2022. 192 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/12394>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

ROLNIK, R. **São Paulo**. São Paulo: Publifolha, 2001

SANCHES, Guilherme Leria. **Avenida Celso Garcia: a rua e a geografia em busca de uma visão geográfica da rua.** 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: https://repositorio.usp.br/directbitstream/51034037-efba-4caf-95db-e371dd3d6690/2020_GuilhermeLeriaSanches_TGI.pdf. Acesso em: 18 ago. 2023.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SILVA, S. **Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil.** Editora AlfaOmega, São Paulo, 1995.

SINGER, P. **Economia política da urbanização.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

SOUZA, Carlos Leite de. **Fraturas urbanas e a possibilidade de construção de novas territorialidades metropolitanas: a orla ferroviária paulistana.** 2002. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Acesso em: 10 ago. 2023.

SIEPIERSKI, Paulo D. A inserção e expansão do pentecostalismo no Brasil. In: BRANDÃO, Sylvana. (org.). **Histórias das Religiões no Brasil.** Recife: Ed. UFPE. 2002.

TORRES, M. C. **História dos bairros de São Paulo: Brás.** São Paulo: Prefeitura Municipal, Secretaria de Educação e Cultura. 1985.

VINGREEN, I. **Diário do pioneiro Gunnar Vingren.** São Paulo: Editora CPAD, 2018.

WILLEMS, Emilio. **Followers of the New Faith: Culture Change and the Rise of Protestantism in Brazil and Chile.** Tennessee-Nashville: Vanderbilt University Press, 1967.